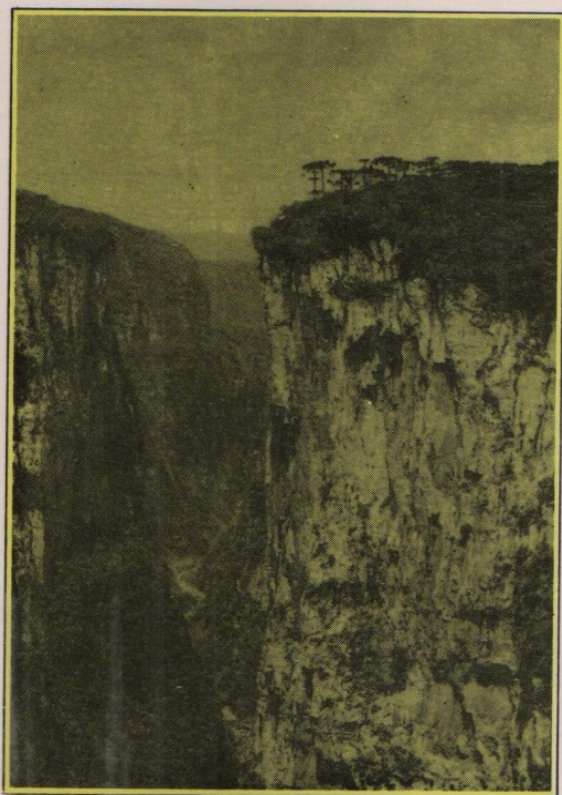


FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

# PRISIONEIRO DO ABISMO



EDIÇÕES EST

3ª EDIÇÃO

O *Taimbezinho*, situado no município gaúcho de Cambará do Sul, no Parque Nacional dos Aparados, é uma das mais fascinantes maravilhas da natureza do mundo inteiro. Constitui convite sedutor para qualquer amante do turismo.

Em geral, os visitantes limitam-se a contemplar aquele impressionante conjunto de encantos desde a beira do abismo. Entretanto, não são poucos os aventureiros que se arriscam a descer aquele gigantesco canhão, a fim de viver uma das suas maiores emoções.

A descida do Taimbezinho representa audaciosa aventura, que pode tornar-se dramática e fatal, como aconteceu com dois jovens escoteiros em 1987.

No dia 17 de janeiro daquele ano, um escoteiro de apenas 15 anos - pertencente ao Grupo João de Barro da Sociedade Ginástica de São Leopoldo -, Alexandre Correia, acompanhando uma equipe de colegas na travessia do Taimbezinho, acabou desaparecendo tragado pela fúria das águas do rio do Boi. Após exaustivas buscas, o corpo foi encontrado no dia 29 do referido mês e ano.

No dia 11 de outubro de 1987, novo dramático acontecimento envolve outro escoteiro, o jovem André Machado Mendes, de 21 anos, residente na cidade gaúcha de Cachoeirinha. Ele acompanhava uma turma de colegas que se haviam aventurado na temerosa travessia do Taimbezinho.

Esgotado pela caminhada, em meio de enormes obstáculos, André acabou distanciando-se dos companheiros, para descansar. A turma chegou ao final do desfiladeiro, em Praia Grande, no Estado de Santa Catarina, sem a presença do colega.

Foram oito dias de buscas, utilizando Helicópteros. Finalmente, no dia 18 do referido mês, o rapaz foi localizado, quase sem vida, deitado sob rochedos, havendo-se alimentado de folhas e raízes de plantas.

Nos dias 8 e 9 de outubro de 1994, sábado e domingo, Sílvia Marcuzzo, repórter do *Correio do Povo*, viveu momentos de pânico, ao atravessar o câ-

Fidélis Dalcin Barbosa

## Prisioneiros do abismo



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2013



Fidélis Dalcin Barbosa

## **Prisioneiros do abismo**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Romance, 3ªEd. -Porto Alegre: Edições EST, 1995. 87p.; 23cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)**.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 06/09/2013

B238p Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-  
Prisioneiros do abismo [recurso eletrônico] / Fidélis  
Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo,  
2013.

E-book (formato PDF).  
ISBN 978-85-8326-039-4

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.

CDU: 869.0(81)-31

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## Sumário

APRESENTAÇÃO .....	
1-A FESTA DA UVA .....	
2-BOM JESUS.....	
3-A TERRA DAS MARAVILHAS.....	
4-NO SILVEIRA .....	
5-CAPRICHOS DA NATUREZA .....	
6-DINHEIRO ENTERRADO .....	
7-NA SERRARIA .....	
8-OSSADAS DE BUGRES.....	
9-OS APARADOS.....	
10-A SERRA DO DOZE.....	
11-NA ZONA CARBONIFERA .....	
12-AS FURNAS DO SOMBRIO .....	
13-TORRES.....	
14 - A SERRA DO PINTO.....	
15-NO TAIMBEZINHO.....	
16-EM CAMBARÁ DO SUL.....	
17 - A DESCIDA AO TAIMBEZINHO .....	
18-SEGUNDA ETAPA DA DESCIDA.....	
19-A CHUVA.....	
20-INQUIETAÇÃO DE MÁRIO .....	
21-A NOITE NO ABISMO .....	
22-ENIGMA ATORMENTADOR.....	
23-A BRIGA .....	
24-LUZ NO ABISMO .....	
25-UM BOI.....	
26-PREPARATIVOS DE RETORNO.....	
27-O RETORNO.....	
28-CANELA .....	
29-GRAMADO.....	
30-EM CASA .....	





## **APRESENTAÇÃO**

PRISIONEIROS DO ABISMO, de Fidélis Dalcin Barbosa, é um romance bem elaborado e bem escrito. Conta um episódio que se inicia em Porto Alegre, passa por Caxias do Sul, por ocasião da Festa da Uva de 1961, e vai desenrolar-se no Taimbezinho, num panorama estupendo de pinheiros centenários, águas estrondando e ribanceiras a prumo. A história é a de um jovem, que não somente encontra o esplendor da natureza, mas também a esperança e a fé.

Lendo-se o livro, todavia, não se sabe bem o que o autor melhor descreveu, em suas páginas: se o conflito de uma alma que se busca a si mesma, se o panorama deslumbrante dos municípios serranos de Bom Jesus, Cambará do Sul, São Francisco de Paula, Torres, Canela e Gramado, no Rio Grande do Sul, e São Joaquim, Lauro Müller, Criciúma e Araranguá, em Santa Catarina.

O conto em si é agradável e atraente. No entanto, para aqueles que estão vinculados à nossa região e à nossa terra, o que mais impressiona é o conhecimento que o autor revela do terreno onde situa a ação. Para os que apreciam a arqueologia, Fidélis Dalcin Barbosa cita numerosos locais, onde se encontram depósitos deixados pelos índios botocudos. Cavernas de proporções, em que os adjetivos saem da pena do autor, e a natureza fez efetivamente esses refúgios, são citados em tal profusão, que chegamos à conclusão de que não conhecemos, em absoluto, esta região.



Revela-se o autor um pesquisador infatigável. Apaixonado pelas belezas da natureza, Fidélis Dalcin Barbosa não pode dissimular, atrás do diálogo nervoso e do estilo rápido, sua paixão, seu êxtase diante do quadro sempre novo e sempre belo da natureza.

PRISIONEIRO DO ABISMO é um conto. Um bom conto, mas o que merece registro aqui é o interesse com que o autor promove as nossas coisas, divulgando-as e tornando-as mais conhecidas. Essa circulação com a região é, indiscutivelmente, algo que deve ser assinalado. Além disso, através das páginas deste livro, desfilam costumes, trabalhos e fatos, que espelham bem um ambiente.

Aqui assinalamos a contribuição do escritor na difusão das nossas coisas e a valorização que ele empresta ao que interessa ao nosso turismo. Que o exemplo de Fidélis Dalcin Barbosa seja contagiante e que os nossos escritores o imitem.

Enquanto isso, aqui ficam os nossos aplausos.

Caxias do Sul, novembro de 1976

Mário Gardelin



## 1-A FESTA DA UVA

Danilo Vedana e Mário Lacerda eram vizinhos. Moravam em Porto Alegre. Estudavam no mesmo colégio - o "Rosário".

Bons amigos. Viviam quase sempre juntos. Só durante as férias e que se apartavam. Mário ia às praias em Tramandaí, e Danilo galgava a serra, onde seu pai possuía uma serraria, no município de Bom Jesus, já na divisa com Santa Catarina.

Findas as férias, Mário passava dias escutando, de boca aberta, as fantásticas aventuras de Danilo pelos campos e montanhas.

Nas últimas férias, Danilo narrou a visita que fizera ao Taimbezinho. Descreveu-lhe com grande euforia aquela insuperável maravilha da natureza. Mário ficou louco de vontade de conhecer o *Grand Canyon* do Brasil.

- Danilo, - disse ele – eu quero ver o Taimbezinho. Você não quer me levar?

- Mas quando, Mário?

- Agora, antes das aulas.

- Não dá mais.

- Dá, sim, Danilo. As aulas só começam no dia seis.

- Seis? Então não é mais no dia primeiro?



- Este ano é no dia seis, segunda-feira da semana que vem.

- Boa, Mário! Então podemos ir. Vamos lá. Vou combinar com meu pai. Ele amanhã vai à Festa da Uva. Iremos com ele a Caxias do Sul e daí seguiremos para a serra.

- que bom. Danilo! Vamos passar a semana inteira por lá. Voltamos sábado.

O pai do Danilo chegou de Bom Jesus e concordou em levar os rapazes. Ficou radiante com a ideia. Vai ver - dizia – que meu filho poderá dar uma boa lição àquele moço fino da cidade...

O dia seguinte decorreu em preparativos. Muniram-se de máquina fotográfica, binóculos, altímetro, facão, cordas, alimentos...

Sábado de manhã, 25 de fevereiro de 1961, Caxias de Sul era um formigueiro de gente. Gente de todo o Brasil, da Argentina, do Uruguai, do Paraguai. Todo o mundo queria ver uma das mais simpáticas festas do Brasil, a Festa da Uva.

Não foi fácil descobrir local para estacionar o jipe de Antônio Vedana. As ruas estavam entupidas de carros.

Chovia. De tarde, na hora da chegada do Presidente da República, o tempo estiou. Os rapazes não puderam entrar no Parque da Exposição, mas postaram-se bem em frente do pavilhão, agarrados ao cordão de isolamento.

De repente, foguetes e sirenas deram o sinal. Carros da Polícia e motocicletas da Guarda Presidencial abrem caminho, berrando ensurdecidamente com buzinas e sirenas, pondo arrepios na multidão, ansiosa por ver o Presidente Jânio Quadros.

Mário e Danilo viram bem de perto o Chefe da Nação, em carro aberto, abanando para a multidão em delírio.

Num outro carro, entre as autoridades, vinham as representantes da beleza: Magda Pfrimer, miss Brasília e miss Brasil, uma garota exageradamente loura, e a Rainha da festa da Uva, Helena Luísa Robinson.

Duzentas mil pessoas visitaram o Parque da Exposição, onde puderam admirar o que de mais apreciado produz a região colonial italiano. Todos os visitantes recebiam um embrulho de plástico contendo cachos de uva.

Foi pena, porque afinal, naquele domingo, a Festa da Uva se transformou, como escreveu um repórter, na festa da chuva. Não pode sair o curso dos carros alegóricos. Cinquenta lindíssimos carros de alto custo. Entretanto, a banda marcial do "Carmo" preencheu maravilhosamente a lacuna. Mais de duzentas figuras de simpáticos rapazes, lindamente trajados em seu branco uniforme, desfilaram garbosamente, tocando apreciadíssimo repertório de marchas e recebendo estrondosos aplausos.

## **2-BOM JESUS**

Partida de Caxias do Sul, segunda-feira, às seis horas. O chuveiro teimoso, implacável. O asfalto da rodovia BR-2, hoje BR-116, recentemente inaugurado, convidava a correr; mas as curvas contínuas, violentas, perigosas, beirando abismos, serviam de freio.

Panorama deslumbrador, por detrás da cortina do nevoeiro, cavando abismos e alcantilando soberbas montanhas! Mário, marinheiro de primeira viagem, ia encantado, admirando a paisagem suíça das serras do rio São Marcos e do rio das Antas.

Depois de atravessar a então vila de São Marcos e hoje cidade sorridente, debruçada em flanco de montanha, sob a bênção de um grande cruzeiro, o Calvário, lá bem no alto, os rapazes desceram o pitoresco vale do rio das Antas. Vale profundo, pelo qual a estrada mergulha em caracóis. Ponte imensa, pênsil, em curva, num recanto aprazível...

Treparam a serra já no município de Vacaria. Vila de São Bernardo, lá no cimo do espigão. A seguir principia o campo, a belíssima campanha gaúcha, com muitas coxilhas, muitos coxilhões, muitos capões, muitas restingas, sempre com a lírica poesia dos pinheiros, abrindo no alto a airosa sombrinha, como se quisesse abrigar os campos, as árvores, o gado que pasta pachorrentemente.

Vacaria aponta ao longe, com as torres em prece de sua imponente catedral, toda de pedra, estilo gótico, obra notável do arquiteto Frei Efrém, um capuchinho francês que durante longos anos paroquiou o grande município vacariano.



Na cidade deixaram a rodovia federal e rumaram para Bom Jesus. As casas, a cavalo de um coxilhão, presidido pela branca torre da igreja matriz.

Pararam um instante para visitar o Ginásio Nossa Senhora das Graças, cujo diretor, Frei Getúlio Toigo, grande amigo de Danilo e seu pai, fez uma encantadora acolhida, oferecendo-lhes um saboroso almoço. O simpático e popularíssimo capuchinho, sete anos mais tarde, no dia 15 de dezembro de 1968, parecia tragicamente, em São Marcos, juntamente com Frei Damião, outra figura de extraordinária simpatia.

Depois do meio-dia, apareceu o sol, trazendo um calorzinho naquelas frias alturas. O altímetro marcava mil e cinquenta metros.

Danilo tomou-se agora de espantosa loquacidade. Falava, falava sem parar. Ele tinha verdadeira paixão pelos municípios onde se encontra a maravilha dos Aparados: Bom Jesus, São Francisco de Paula e São Joaquim.

- São três nomes sagrados - comentava ele. - Os primeiros civilizados que pisaram aqui foram os missionários jesuítas. Viram aquele capão - e apontava para a esquerda, logo fora da cidade. - Eu andei lá com Emiliano Silveira de Azevedo, neto do fundador de Bom Jesus. Vi lá as ruínas da casa e da capela dos missionários. Emiliano disse até que foi ali que encontraram a imagem de Nossa Senhora da Oliveira, que se venera na Catedral de Vacaria.

O jipe rodava pela estrada, rumo de Araranguá, cortando a campina sem fim. A certa altura, à direita, a uns vinte metros da estrada, um pequeno bando de aves, tamanho de uma galinha, bico enorme. Mário perguntou:

- Danilo, que aves são aquelas?

- Curucacas.

- Curucacas? Nunca ouvi este nome.

- Curucaca ou curicaca. É o nome onomatopaico, que imita o canto da ave. É ave exclusiva dos campos do nordeste do Estado, Lages em Santa Catarina e Palmas, no Paraná. Na região da fronteira e das Missões, não existe curucaca.

- Bico enorme, não é?

- Come cobra. Limpa os campos. Ninguém mata curucaca.

- Não presta para comer?

- Dizem que presta, mas ninguém come. É um belo ornamento de nossos campos. Ao cair de tarde, elas vêm em bando, curucando, pousar nos galhos dos pinheiros, perto das casas das fazendas.

O carro seguia rodando, quando Mário tornou a perguntar:

- que cheiro é esse, Danilo?

- Zorrilho rapaz. Você não conhece nada. Credo, Mário!

- que cheiro forte, não é?

- É o cheiro mais forte que eu conheço, sabe, Mário? A roupa que toma extrato de zorrilho fica imprestável a vida inteira.

- Não sai mais da roupa?

- Não sai. Nunca mais. Pode lavar quanto quiser. Quer ver uma coisa? Você mata aqui na estrada um zorrilho com o carro. Depois de seis meses ainda se sente o cheiro. E o líquido catinguento do zorrilho queima que nem gasolina.

- Verdade, Danilo?!



- Verdade. Eu já fiz experiência. Mas deixa que te conto um caso que aconteceu há pouco tempo com dois viajantes, um italiano e outro português. Viajavam de carro. De repente, encontram na estrada um zorrilho caminhando.

- que lindo bichinho! - disse um deles. - Vamos apanhá-lo?

Mas o zorrilho, vendo-se perseguido, armou-se todo, arrepiando-se como ouriço. O português ficou com medo de pôr-lhe as mãos e deu-lhe uma pedrada. Menino, saiu aquele "perfume". E o italiano acabou dando um pontapé no animalzinho. Embarcaram. Dentro do carro, aquele cheiro horrível que vinha do sapato. Cheiro insuportável! Tiveram que tirar o sapato e colocar no porta-malas. Assim mesmo o carro ficou infeccionado por muitos dias.

- Essa não, Danilo!

- Pura verdade! Mas sabe, Mário, o zorrilho mata cobra. É o pior inimigo das cobras. Chega perto, começa a pular de cá pra lá, diante da serpente. Ela acompanha com os olhos até que tonteia, deita. Aí o zorrilho mata e come.

- Então a gente não deve matar zorrilho, não é?

- Não sei, Mário. Um amigo meu lá de Lagoa Vermelha, o José Valdomiro, me contou que o zorrilho mata os cordeiros, só para roer-lhes o focinho. Neste caso, ele é nocivo.

### 3-A TERRA DAS MARAVILHAS

Vinte quilômetros andados, depois da cidade de Bom Jesus, atravessaram um pequeno povoado, oculto no meio de um capão de grandes e lindos eucaliptos.

- Aqui mora Hortêncio Dutra, fabricante de queijo fino. Olha, Mário, estes eucaliptos. Que maravilha de tronco, liso como cerejeira! É madeira muito resistente, como a melhor madeira de lei. Quem trouxe as sementes para o Brasil foi o Dr. João Dutra, tio do Seu Hortêncio. Já é falecido. Foi um cientista de fama internacional. Embora formado em Medicina, dedicou-se a Botânica. Andou por muitos países. Esteve até na Austrália, donde trouxe sementes de eucaliptos. Na Suíça existe uma planta de nome *Duter*. É o nome de Dutra adaptado à língua alemã. Nome de uma planta do Brasil que o Dr. Dutra introduziu na Suíça.

Os campos seguem desfilando, sempre ondulando em coxilhas. Campos bem limpos, sem carqueja, sem samambaia, sem barba-de-bode. Parece um verde oceano agitado com as grandes ondas das coxilhas.

No Capão do Tigre, uma encruzilhada, os rapazes deixaram a estrada que leva a Araranguá, dobraram a esquerda, rumando ao norte para o Silveira, onde está situada a serraria do Seu Antônio Vedana.

- Aqui - esclareceu Danilo - chama-se Capão do Tigre porque naquele capão lá mataram um tigre.

- Mas isto foi há muito tempo, não é?

- Sim. Mas lá nos costões dos Aparados, perto daqui, ainda existe onça. Às vezes chega a trepar serra acima para matar reses. Agora isto quase não acontece, mas antigamente era uma calamidade. As onças devoravam muitas reses.

Na Mangueira Nova, Danilo pediu ao pai que parasse na venda do Seu Beppi, para pegar umas maçãs. Comeram e levaram muitas lindas maçãs.

- Aqui é a terra da maçã, sabia, Mário? Chega a dar maçã de quase quilo. Você não leu no jornal que de São Joaquim mandaram uma maçã de 850 gramas ao Presidente da República? São Joaquim é logo ali, além do rio Pelotas. Nós vamos passar por lá. Em São Joaquim, Mário, eu vi repolhos de 15 quilos.

- Quinze quilos, Danilo?! Não faz por menos?

- escute, Mário, se você não acredita, pergunte ao Laurindo Coral, hoteleiro de São Joaquim. Foi na chácara dele que colheram. Eu estava lá naquele dia. Repolhos cultivados sem adubação alguma.

- Incrível, Danilo!

- Aqui é assim. Na fazenda de Áureo Ribeiro Velho, nos Ausentes, eu vi maçãs de um quilo. Olhe, Mário, no dia em que o Brasil se der conta das espantosas condições deste clima para o cultivo da maçã, esta região se transformara no paraíso da maçã. Teremos maçãs para abastecer metade do mundo.

- Onde pode vir tanta maravilha, Danilo?

- Da fertilidade da terra, do clima das alturas. Você vai tomar aqui o leite mais gordo do mundo, o leite mais saboroso. Você não vê um berne no gado. Gado muito sadio. Mesmo para a gente, o clima é extraordinário. Por aqui não existe tuberculoso.

Nunca existiu. Chega aqui alguém fraco do pulmão. Passa uns dias respirando estes ares, tomando leite e comendo queijo: pronto, já está curado!

## **4-NO SILVEIRA**

Sempre na direção do jipe, o pai de Danilo quase não falava. Ele tinha pressa de chegar à serraria. ia em silêncio, gozando aquela pro

Tomaram café. O pai ficou. E os dois rapazes voltaram pelo mesmo caminho, Danilo ao volante.

Agora sozinhos, estavam mais à vontade. Danilo andava morto por se ver livre do pai. Não que menosprezasse a companhia do bondoso genitor, mas por que agora iriam para onde quisessem, sem se preocupar a não ser com o que lhes agradasse.

Antônio Vedana, neto de imigrantes italianos, pensava mais era em trabalhar. Trabalhar sem descanso. Ganhar dinheiro, muito dinheiro. Queria o bem-estar da família. Dar estudos aos filhos. Formar algum filho doutor. Um futuro melhor para os seus descendentes...

Ele, o coitado do velho, madrugara na vida rude, lidando como mouro, ao sol e á chuva, passando misérias. Entretanto, o trabalho era divertimento para ele.

Mais tarde, mudou-se para a Capital do estado. Aqui sentia-se humilhado por ser quase analfabeto. Pensava: Nós, os gringos, somos uns bobos. Passamos a vida dando duro. Mal-e-mal sabemos ler. Não temos cultura. Não sabemos aproveitar o dinheiro. Mas agora eu vou mudar de sistema. Quero que todos os meus filhos estudem...

Sentia-se orgulhoso com Danilo, o filho mais velho. Rapaz estudioso e inteligente, culto, equilibrado, chegava a embasbacar

os colegas, filhos da cidade. Tinha gosto em ceder o jipe para que o filho andasse correndo atrás de aventuras, de pesquisas históricas, geográficas, e desvendando a misteriosa e admirável zona dos Aparados.

Durante as férias, Danilo auxiliava o pai no serviço da serraria. Guiava o caminhão, transportando toras, tábuas. Cuidava da escrita da firma... Mas, sábados e domingos eram-lhe reservados para o seu esporte, a caça.

Adorava a caça. Percorria os campos e as matas, em companhia de outros caçadores, à cata de veados, tatus, macucos, perdizes, perdigões... Às vezes, sozinho, armado de sua inseparável 22, marca Gecco, metia-se pelos capões e restingas, à procura de jacus, jacutingas, inhambus, pombas... Que festa para o seu coração, quando, ao penetrar numa restinga, ouvia aquela estrepitosa gargalhada de um bando de jacus: quá, quá, quá...

- Uma vez, Mário, eu derrubei dois gordos jacus. Eram muito pesados para levá-los através do mato. Coloquei-os sobre, grossa forquilha, a um metro do solo. Logo adiante, derrubei outro. Dependurei num galho. Passada meia hora, voltei. Encontrei o primeiro. Mas os outros dois tinham sumido. Sim senhor, tinham sumido, *no mais!* Quem teria sido o ladrão? Pensei: Mas aqui não há ninguém. Olhei pelo chão. Olhei e vi penas. Estava desvendado o segredo. O graxaim. Desgraçado, comedor de galinhas!

- Essa é boa, Danilo!

- Outra vez, Mário, no campo do Deco Godinho, em Vacaria, derrubei um jacu do alto de um pinheiro. Caiu meio voando. Fui buscá-lo. Estava vivo, mas com as tripas de fora... Vai me sujar a sacola, disse. Fui agarrá-lo. Rapaz, o bicho deita a correr pelo mato. Uma corrida doida. E eu de atrás, corre-que-



corre. Pulou a sanga. Eu pulei também. Me vi louco nessa perseguição. Até que o perdi de vista. Campeei por meia hora. Nada... Um mês depois, voltando ao local, descobri os ossos e as penas... Nunca vi bicho tão duro de morrer.

- Danilo, essas coisas só acontecem com os caçadores!

- Parece mentira, não é?... E aquela que aconteceu com os Rodrigheri em Marau então?... Estavam caçando veado. Um caçador meteu-se numa espera dentro de um desfiladeiro. Estava lá de espera. Lá pelas tantas, em vez de aparecer o pardo, chega um avestruz, correndo, acossado pelos cachorros. Meteu-se pelo desfiladeiro. O rapaz, sabendo que não podia matar avestruz, quis pegar vivo, à unha. Atirou-se sobre o nhandu. Agarrou-se rijamente sobre ele. Mas quem pode com avestruz? Uma força maluca! Escapou-lhe das mãos, muito contente da vida! Mas isto não foi nada. O pior vem agora.

- Que foi, Danilo?

- O caçador, ao meter as mãos no avestruz, caiu-lhe a espingarda que trazia a tiracolo. Foi esfiar-se pelo pescoço do bicho. O avestruz saiu correndo pelo campo com a espingarda a tiracolo e o caçador atrás, berrando, feito louco... No alto da coxilha, ao tentar passar pela cerca de arame farpado, o nhandu forcejou, forcejou, quebrou a asa, deixando cair a espingarda!

- Danilo, tenha paciência! Esta é anedota!

- Pura verdade! Pode perguntar aos Rodrigheri, de Marau. Aconteceu com eles.

## **5-CAPRICHOS DA NATUREZA**

Danilo prosseguindo viagem, ia narrando outras aventuras vividas durante as suas caçadas. Enfim chegaram ao campo dos irmãos Salibe. Elias Salibe, convidou logo os dois rapazes para entrar e tomar chimarrão. Danilo agradeceu e pediu licença para andar pelo campo de sua propriedade.

- Mário você vai ver que maravilha existe neste campo! Um curioso capricho da natureza. É lá adiante. Daqui mesmo você está enxergando aquele paredão esbranquiçado, não é? Se fosse tempo de enchente, caía pois ele uma cascata. Aqui em baixo cruza o rio Divisa, e lá em cima, o rio Silveira. Mas vamos lá ver, de perto.

Depois de andarem alguns minutos de carro, desembarcaram e seguiram a pé, através do campo acidentado. Por uma itaipava, vadearam o rio da Divisa. Treparam a ladeira, agarrando-se às árvores. Saíram da restinga subiram ao alto do morro. Danilo falou:

- Daqui do alto se avistam os dois rios. Veja: o Silveira vem descendo, vem descendo em direção do Divisa. Mas de repente, encontra o obstáculo do rochedo, a poucos metros do rio. Desvia-se então para a direita. Vai andando, dando toda aquela volta. Está vendo? Anda mais de dois quilômetros antes de juntar-se ao Divisa. Dá toda a volta ao lado do morro.

- Que interessante! Chegou até aqui. Faltavam apenas dois metros para unir-se ao Divisa, e, no entanto, vai percorrer ainda dois quilômetros...



- Mário, vamos lá embaixo para ver melhor.

Desceram e pararam sobre o rochedo que divide os dois rios, o Silveira cá em cima, o Divisa lá abaixo, num desnível de quase vinte metros.

- Repare aqui, Mário. Veja como a rocha está lisa de tanto passar água. Quando o rio cresce e transborda, tomba lá embaixo, formando linda cascata.

Bateram fotografias. Depois sentaram sobre o liso rochedo, comentando as maravilhas da natureza, ali, naquele recanto de fábula, diante da epopeia das águas, dos campos e dos pinheirais, a enfeitar as margens dos dois rios.

Era tão agradável contemplar aquela sublime página do livro da natureza, os pinheiros, pequenos e grandes, formando como estrofes rimadas de um poema encantador... A campina ondulada, coxilhas de veludo; o gado rubro e branco, incapaz de exprimir com eloquência todo o esplendor daquela página incomparável, colocava pontos de reticência...

O livro da natureza, que a alma da gente lê, que a gente de alma decora, em que o próprio analfabeto, o analfabeto com alma, sabe ler as poesias enternecedoras, as páginas mais impressionantes. O livro da natureza, ilustrado com as mais lindas cores, perfumado com o melífero aroma agreste...

Por que tanta gente culta da cidade não lê o livro da natureza? Por que estão assim escondidas tantas belas páginas de antologia desse maravilhoso livro da natureza?...

Depois de permanecerem longos instantes de êxtase diante daquela página ilustrada do livro da natureza, escutando o silêncio verde da solidão, apenas cortado pelo rumor abafado da

cascata, que lá mais abaixo estrondava, num tomo de 40 metros, Danilo falou:

- O Brasil é todo um imenso estendal de encantos naturais. Em Mato Grosso, Mário, o rio Correntes, de quatrocentos metros de largura, a certa altura, some-se por baixo da terra. Faz quatro quilômetros inteiramente subterrâneo, para enfim descambar no pantanal.

- Que maravilha, Danilo!

- Em Mato Grosso e Goiás, há rios de água mineral. Rios de vinte metros de largura e vinte de profundidade, só de água mineral.

- Rios de água mineral, Danilo?!

- Sim senhor. De água mineral. Um deles é o rio Perdido. O rio Quente é todo de água quente, assim como a lagoa de Pirapitinga, que é um caldeirão de água a ferver. Os Bandeirantes descobriram porque seus cães se atiraram à água e saíram de lá ganindo, escaldados...

Depois de visitar a grande cascata que os dois rios formam, logo após a junção de suas águas, os rapazes regressaram à vila Silveira, vila que traz o nome do sargento-mor José da Silveira Bittencourt, primeiro proprietário da Fazenda São José, naquela localidade.

Vila radiosa, descansando na verde maciez do gramado, embalando-se ao encanto selvagem da cachoeira do rio de seu nome. A capelinha de madeira, acolitada pelo campanário ao lado, espelha-se nas águas do açude. Pilhas de madeira, secando ao sol, emolduram o sossego alegre do povoado.

Danilo estacionou o jipe diante da casa de Osvaldo Boeira. Desembarcaram e seguiram a pé até a fazenda de Valdemar Boeira, no outro lado do rio.

Aqui Danilo mostrou ao companheiro a mangueira de São José. Mangueira de taipa de pedra, de um metro de espessura.

- Ninguém sabe a origem destas mangueiras. Existem várias na região. Os primeiros povoadores, os Bandeirantes, já encontraram feitas. Decerto, foram construídas pelos missionários jesuítas com o auxílio dos índios botocudos.

Mário trepou sobre a taipa, andando por ela. Nos cantos, a largura é tanta que poderia passar um automóvel.

- Que pedras enormes, não é, Danilo? Que trabalho tiveram os construtores!

- Pois é Mário, os jesuítas foram grandes beneméritos. Catequizaram os índios, povoaram estes campos de gado. Quando os bandeirantes chegaram aqui, tiveram aquela agradável surpresa de encontrar imensos rebanhos por todos estes campos sem fim. A descoberta dos campos do nosso estado, povoados de gadaria, teve para Port

## **6-DINHEIRO ENTERRADO**

Danilo consultou o relógio:

- Ainda temos tempo de ver uma coisa interessante. Vamos depressa.

Atravessaram a vila. Entraram pelo campo de Francisco Guazzelli. Pediram licença ao posteiro e penetraram na horta. Danilo mostrou ali uma pedra com vários caracteres gravados. Uma como cruz de Santo André, uma estrela, uma letra parecida com sigma grego e um orifício no centro.

- Parece um relógio de sol, não é? Que é isso, Danilo?

- Olhe, Mário, eu não sei o que há de verdade. Vou vender como comprei. Quem me contou foi o Seu Hercílio Coelho, que tinha um boteco à entrada da vila. Diz ele que nas ruínas de um convento de Bom Jardim da Serra, foi encontrado um roteiro. Você sabe o que é um roteiro. É um mapa com indicação do local onde foram enterrados tesouros. Diz que esta pedra vem anotada no roteiro.

- Quer dizer então que aqui debaixo desta pedra tem dinheiro enterrado?

- Não, bobo! É apenas um ponto de referência.

- Será verdade, Danilo?

- Aqui todo mundo acredita. Eu cansei de escutar estórias de panelas de dinheiro, de tesouros dos jesuítas... Vou te contar só uma, que ouvi do Seu Hercílio Coelho.



Diz ele que na fazenda de São Mateus, do seu falecido avô, no vizinho município catarinense de São Joaquim, existe enorme pedra redonda, num chato de campo. Parece suspensa no ar. Batendo nela, reboa como um tonel vazio. Não longe desta pedra, perto do morro do Parafuso, foi enterrado um tesouro dos jesuítas, bem ao pé de três muchões, denominados "Três irmãos" pelo roteiro.

Até hoje ninguém conseguiu quebrar o encanto e desenterrar a fortuna, capaz de enriquecer a quem a encontrar, seus filhos, netos, bisnetos, tataranetos e "corvonetos"... Corvonetos, eu nunca tinha ouvido esta palavra.

Tinha eu quinze anos – contou Hercílio - quando ouvi a história. Resolvi tirar o cabedal sozinho, escondido. Minha tia proprietária do campo, não deixava ninguém procurar. Ninguém. Fui sozinho, às escondidas, em dia lindo de sol. No céu nem uma nuvem. Principiei a cavoucar com entusiasmo. Já estava desenterrando carvão, quando escuto forte assobio. Decerto vem vindo gente, pensei. Me escondi no vassoural que havia perto. Mas não passou ninguém. Ninguém mais assobiou.

Retornei ao trabalho. Passados poucos minutos, ouço um aboio, latir de cachorros e barulho de tropa de gado que se aproxima num tendeu medonho. Disparei. Escondi-me na capoeira. E logo tudo serenou. Nem mais um barulho. Nada de tropa, nada de cachorro.

Voltei a cavoucar. Eu queria era o tesouro. Lidei uns dez minutos. Foi quando no céu sem uma nuvem, de repente surge pavorosa nuvem negra. E num instante armou-se o temporal. Tormenta feia! U

No outro dia, fui buscar a ferramenta e excomunguei o lugar. Pois naquela noite me apareceu um padre e me ralhou por eu haver dado aquela maldição.

Hercílio contou: Um dia voltava eu da casa da falecida avó. Vinha cruzando o campo dos Borges. Trazia o borrachão e a espingarda de dois canos. Em dado momento, em meio do caminho, me aparece um touro vermelho, touro que eu nunca tinha visto. Investiu contra mim, furiosamente. Joguei-lhe o borrachão e ele fugiu. Fugiu para voltar pouco depois. Voltou ainda mais furioso. Atirei-lhe uma pedra e se foi. Se voltar, terei de matá-lo, pensei comigo.

E voltou logo em seguida, atravessando a capoeira num lançante, num tendeuim pavoroso. Ajoelhei-me, fiz pontaria e taquei-lhe fogo bem na testa. Mas o touro nem conta fez. Veio sobre mim. Gateei com o corpo e dei-lhe outro tiro pelas costas. Ele desapareceu. Decerto, vai morrer, pensei. Fiquei quieto. Dias depois perguntei aos Borges pelo tal touro vermelho. Nenhum deles tinha jamais visto...

Eu, Mário, achei muita graça nessas estórias do Seu Hercílio. Disse que tudo não passava de sugestão. Mas ele jurou que era verdade. Aí eu disse que ia publicar no jornal. E ele: Pode botar. É a pura verdade. Por esta luz que me alumia!...

Mário perguntou: - Que é que você acha, Danilo?

- Olha, Mário, passei noites inteiras ouvindo estórias fantásticas como essas, com visagens de assustar. Gente contando sonhos, com aparição de pessoas indicando o local do enterro da panela de dinheiro. Um amigo meu, pessoa de toda a confiança, sonhou três vezes a fio. Resolveu procurar e desenterrou uma guampa cheia de moedas de prata, que fora



escondida por uma velhinha durante a Revolução de 1923. Eu até vi uma dessas moedas.

- Verdade, Danilo?

- Vi. Foi em São José do Ouro. Querendo posso levar você para falar com o meu amigo que encontrou o cabedal, depois de haver recebido aviso em sonho. Por isso, Mário nessas estórias deve existir algo de verdade. Isto faz parte do nosso riquíssimo folclore. Creio que a gente não deve desprezar de todo o que esta gente do sertão narra com tanta simplicidade, não é?

## **7-NA SERRARIA**

No dia seguinte, Mário visitou a serraria. Ele não conhecia nada a respeito do interessante processo de extração da madeira de pinho.

Pleno sertão. Em meio a denso matagal, abria-se uma clareira. Comprido casarão de madeira, com chaminé do automóvel fumegando. Ao redor, quatro humildes casas. Pilhas e pilhas de lindas tábuas novas, exalando forte odor de resina. Montão de serragem descambando rio abaixo, que corria ao lado. Dezenas de enormes toras de pinho, no terreno inclinado, prontas a rolar para dentro do engenho...

Mal clareou a dia, a máquina apitou e entrou a trabalhar, movimentando o engenho. A lâmina da serra, subindo e descendo, com espantosa velocidade, metia os dentes na tora, que avançava lentamente, cortando a tábua. Mário ficou longo tempo olhando a curioso trabalho. Não podia fazer perguntas, dado a grande ruído. Depois, saiu, foi para perto do caminhão que estava sendo carregado de tábuas. Enorme caminhão de reboque.

- Danilo, eu gostaria de ver também a derrubada dos pinheiros.

- Pois não, Mário. Vamos para o mato.

Meteram-se pela picada, mata adentro. Pinheiros de imensa copa e metade do tronco, jaziam tombados como velhos gigantes abatidos em campo de batalha.

- Que estrago, não é, Danilo? Quanta madeira perdida! Ninguém aproveita?



- Quem é que vai aproveitar neste fim de mundo! Se fosse perto da cidade, dava um dinheirão.

- Mas vocês estão obrigados a plantar outros pinheiros, não é?

- A lei manda, mas pouca gente faz. Não há fiscalização. Devia existir fiscalização pelo menos para impedir de cortar qualquer pinheiro. Devia-se cortar só pinheiro grosso, deixando crescer os outros.

Agora, Mário, crime de verdade é o que estão fazendo certos madeireiros por todos os matos do rio Grande, Santa Catarina e Paraná. Derrubam grossos pinheiros e só aproveitam uma ou duas toras, deixando outras duas perdidas. Só querem madeira de primeira classe para exportação. A outra não lhes interessa. A ma

Ouviam-se pancadas de machado. Os cortadores andavam por ali, derrubando pinheiros.

- Danilo, e se o pinheiro cai em cima da gente?

- Não há perigo. Quando se ouvem os golpes de machado, quer dizer que recém estão principiando o corte.

Saíram da picada. Penetraram no mato. O chão coberto de grimpas, espinhando as pernas. Carrapichos grudando nas calças e meias. Teias de aranhas laçando o rosto... Mário limpava os óculos:

- Que teias enjoadas!

Agora cessaram as pancadas. Começou o ruído da serra: jim-jim, jim-jim. Enorme pinheiro de quatro toras vinha sendo sacrificado.



- Olhe aqui, Mário. Este corte, feito a machado, é a *barriga*. Está mais abaixo do corte que o serrote vem abrindo. Assim o pinheiro é obrigado a cair para o lado da barriga. O pinheiro cai para o lado que a gente quer que caia. Tudo depende da barriga que a gente abre a machado.

- Que interessante! E se houver vento?

- Com vento muito forte, ninguém derruba pinheiro. É um perigo!

Danilo convidou:

- Mário, pegue aí no serrote. Vamos serrar nós dois.

O rapaz não tinha jeito. O serrote encrecava a cada passo.

- Você não deve empurrar o serrote, rapaz. Só puxa e depois deixa solto. Assim!

Os serradores ensinavam e davam e risada com o sistema inexperiente de Mário.

- Aí, já cansei! - disse ele, largando o serrote.

Ficou olhando para a copa a ver se o pinheiro se mexia. Mas ainda demorou meia hora. Depois um dos serradores soltou um grito muito forte. Mário se assustou e quis fugir. Danilo segurou:

- Repare agora, Mário. Lá na copa.

O tronco estremeceu, o pinheiro foi-se inclinando lentamente, lentamente, sempre aumentando o estremeço. E foi cair sobre as árvores, quebrando galhos, num barulho infernal, abrindo clareira.



Um estrondo imenso, a seguir, estremeceu a terra. Ao cair, o tronco saltara um metro longe do toco.

Mário bateu palmas, gritou, feito criança, diante daquele espetáculo nunca visto. Depois correu, trepou sobre o pinheiro deitado. Foi caminhando ao longo dele até chegar à copa, à cata de pinhas. Mas Danilo ralhou:

- Agora não é tempo de pinhão, rapaz!
- Eu sei. Só queria ver as pinhas pequenas.

Os serradores principiaram logo a descascar o pinheiro e serrar toras. Danilo pegou do machado e ajudou a descascar. Casca grossa, encarquilhada, com forte odor de resina. O tronco, depois ele descascado, ficou lindo, branco, bem branco. Uma beleza!

## **8-OSSADAS DE BUGRES**

Almoçam cedo, às onze horas. Abasteceram o jipe de combustível. E partiram em busca de outra aventura mais interessante: descobrir ossadas de bugres.

Danilo esclarecia:

- Aqui foi zona de muito índio, índio botocudo. Esses índios enterravam os mortos em furnas de pedra. Dessas furnas existem umas quantas por aqui. Em Luisinho, em Santa Catarina, na propriedade de Elias Salibe, existe uma com milhares de ossos. Na fazenda do Matemático, ele Cacildo Morais, em Bom Jesus, há outra.

- Fazenda do Matemático? Que é isso?

- Matemático é o nome popular de um padre, muito estudioso e sábio, que morou naquela fazenda.

O jipe vai andando, subindo e descendo, pelo mato, atravessando uma porção de sangas e riachos, com água límpida, sempre límpida, porque corre sobre leito de pedras.

Chegaram à serraria de Roche Zini & Cia., na fazenda do Morro da igreja, da viúva Ana Vieira Velho. Ai ficava a furna dos ossos.

Seu Zini esclareceu: É aqui mesmo. E vocês têm sorte hoje, porque o rapaz que conhece a furna esta aqui e pode ir com vocês. Mas fica lá onde o diabo perdeu as botas.

Emílio Costa, o vaqueano, pôs-se à disposição dos rapazes. Que o bombardeavam de perguntas. O jipe rodou uns quilômetros através de um capoeirão. Depois Emílio falou:

- Agora é só a pé. Eu vou na frente abrindo caminho a facão.

Capoeirão e mato, banhados e sangas. Muita grimpada de pinheiro pelo chão, muito espinho, carrapicho, teia de aranha, deixando a gente maluca. De repente em meio do silêncio daquele sertão, estoura uma gargalhada, misturada de forte esvoaçar de asas. Mário levou um grande susto:

- Que foi?!

- Jacus, rapaz, um bando de jacus.

- Levei aquele susto! Pensei que fosse a alma de um índio, que risse da gente...

-ih, Mário, você já, está com medo dos bugres?



- Não, eu não tenho medo. Mas é que eu nunca vi essa ave. Parece mesmo gargalhada de gente, não é?

- Você, não conhece nada, rapaz!

Os dois moços iam nervosos, sob a emoção de topar ali, em plena mata desconhecida, com ossadas indígenas. Que descoberta extraordinária estavam eles realizando! Imaginavam entrar em fundo grotão, ao pé do rio. Lá dentro, montões de ossos humanos. Muita caveira. Caveira de índio...

- Emílio, muita gente conhece a furna?

- Só três pessoas. Quem descobriu foi Algemiro Alano de Souza, genro da viúva Vieira Velho. Veio perseguindo um porco, que se meteu pela furna adentro. Quando notou, estava com os pés em cima dos ossos. Levou um susto e correu... Depois vim eu e meu companheiro, por aqui ninguém se aventura a vir. É lugar quase inacessível.

Caminharam uns quinze minutos. Ouvia-se forte ruído de cascata. Emílio esclarecia:

- São duas cascatas. Uma tem uns 50 metros de queda livre. Fica perto da furna.

Vadearam o rio, num, espriado. Andaram uns duzentos metros e principiaram a descer a pirambeira quase em pé, de tão íngreme. Emílio ia na frente, agarrando-se as árvores, para não rolar morro abaixo. Mário e Danilo escorregavam. Caíram mais de uma vez...

Chegando ao rio, tiveram que andar de quatro pernas, esgueirando-se por baixo do emaranhado de carás e bambus, pulando de pedra em pedra, arrastando peitoral de taquaras, levando rasteiras de cipós e japecanga, que rasgava a roupa.

Quando a cascata apareceu à sua vista, apresentando um lindo quadro digno de nota, Danilo bateu uma fotografia.

Foram trepando a ladeira oposta, onde, no alto, aparecia o paredão esbranquiçado da furna. Caminharam até dar de frente com as ossadas, à entrada da furna, de pouca profundidade. Lá estavam caveiras, fêmures, tíbias, costelas, omoplatas...

Danilo fotografou. Depois Mário posou ao lado daquele montão de ossos humanos, levando uma recordação daquela sensacional descoberta.

- Emílio, serão de fato ossadas de bugres?

- Claro. Só podem ser de bugres. Quem é que podia vir aqui enterrar defunto? Você não encontra nenhum dente de ouro. Outra: Veja como a testa é pequena. Os botocudos são assim. Frente pequena o cabelo deles começa perto das sobrancelhas. Antigamente viam-se aqui alguns índios que vinham de longe. Todos, ao verem-nos diziam: Eles vêm visitar seus mortos nas furnas.



## **9-OS APARADOS**

Os rapazes, ainda naquele dia, seguiram viagem, passando por Faxinal Preto e por duas serrarias de João Matei. E foram descendo a serra do rio Pelotas, sempre em meio de cerrado matagal, de grosso pinhalão interminável.

Cruzaram o rio de balsa, saltando em solo catarinense. Era a primeira vez que Mário transpunha as fronteiras do Estado. Festejou o acontecimento com gritos vivas e pulos, como criança.

Adiante tornaram a cruzar o mesmo rio.

- Mário, agora você vai ver onde nasce o rio Uruguai. Estamos nas cabeceiras do rio. Ele nasce logo ali adiante.

- Tão perto, e já com tanta água?!

- É pra ver. Formam-se aqui, pertinho do mar, abundantíssimas águas. E, sabe, Mário, estas águas em vez de cair no mar, aqui tão perto, vão percorrer milhares de quilômetros, indo desaguar lá longe, no rio da Prata.

- O capricho da natureza!

- Estamos a 1.400 metros de altitude. Agora vamos conhecer uma das regiões mais ricas em potencial hidrelétrico.

- Então aqui há usinas?

- Nenhuma. Eu só falei em potencial. Mas, um dia os brasileiros vão descobrir a maravilha dos Aparados. Então construirão ao longo desta serra centenas de usinas. Nos Aparatos, Mário, encontram-se as quedas de água mais altas do

mundo. Cascatas de mais de mil metros de queda livre! Neste município de São Joaquim, o antemural dos Aparatos atinge 1.885 metros. Depois, é o paredão a pique, descambando para a planície catarinense. Lá adiante, vou mostrar como é fácil represar o rio Pelotas, abrir um pequeno túnel e fazer descambar a água para o lado do mar, assim como fizeram em São Paulo, para acionar a usina de Cubatão.

- Mas é incrível, Danilo! Como se explica que até hoje os brasileiros não tenham descoberto isto, esta fantástica riqueza?!...

- Pois é, Mário, ao longo dos Aparatos podemos construir, com a maior facilidade, centenas de usinas. Podemos fornecer energia elétrica para muitos Estados do Brasil.

Atravessaram a vila de Bom Jardim da Serra. Compraram maçãs, lindas e grandes maçãs dessa terra, que é o paraíso das macieiras.

Doze quilômetros andados, surgem os primeiros picos dos Aparados.

- Mário, veja lá aquelas casas, perto da capelinha. Lá é o Cabo de Aço da Gaúcha Madeireira,

- Que é isso?

- Já veremos. Lá descem a madeira por meio de um cabo de aço, poupando assim dinheiro e tempo, isto porque os caminhões deveriam andar mais de cem quilômetros para transportar a madeira. Aqui, com o cabo de aço, é um instante.

O jipe estacionou dentro do barracão, ao lado dos trilhos do vagãozinho que transporta as tábuas até o cabo.



Soprava um vento rijo e frio. Mário tremia, apertando o casaco:

- Que frio, nossa!

- Aqui é sempre assim. Mas venha ver, Mário.

Aproximaram-se da beira do abismo de mais de mil metros de profundidade. Lá embaixo nas profundezas e na lonjura, um vastíssimo e deslumbrador panorama, sem fim...

- Daqui, com um bom binóculo, a gente avista umas 40 cidades e vilas. Veja lá ao longe aquela faixa branca horizontal. É a areia da praia. Lá pelas bandas de Araranguá e Torres.

- Espantoso. Danilo! Nunca imaginei coisa igual no mundo! Eu quero voltar aqui e trazer toda a família para ver esta maravilha.

- Mário, você ainda não viu nada. Mas, vamos apreciar o cabo.

Dois operários acompanharam, mostrando o curioso mecanismo: as rodas, o grosso cabo girando, descendo e subindo, automaticamente, sem força estranha alguma, levando molhos de tábuas. Viam-se vários dependurados, descendo.

Antigamente - esclarecia o operário - chegava a descer gente. Depois a firma proibiu.

- Que extensão tem o cabo?

- Mil e trezentos metros, até aquele barracão. Ali chegam os caminhões para carregar as tábuas. Agora mesmo lá está um. Mal-e-mal se vê.

Mário olhava de longe, com medo de se aproximar da beira do abismo. Danilo, pelo contrário, ia perto, bem perto.

- Danilo, você está louco! Você ainda vai cair. Ainda não caiu ninguém, moço?

- Caiu. Caíram dois operários. Foram ali para endireitar o molho, que estava encachado, resvalaram...

- Viu, Danilo? Vamos embora!

- Espere, rapaz. Estou olhando as tábuas chegar lá em baixo.

- Eu já estou duro de frio! Vou embarcar no jipe.

- Pode ir, medroso!

## **10-A SERRA DO DOZE**

A viagem prosseguiu. Logo adiante, pararam junto de uma sanga de água muito límpida, para comer do seu farnel.

Depois, na encruzilhada, um moço pede carona:

- É, um grande favor. Hoje não veio o ônibus e eu preciso ir a Lauro Müller buscar uma peça para o jipe.

Aquele *caroneiro* foi uma benção providencial para os dois rapazes. Um anjo tutelar da viagem mais arriscada do mundo.

No altiplano, de onde o panorama se descortina ainda mais deslumbrador, Danilo explicou:

- Ali, no campo, eu me atolei um dia com o jipe do Padre Blévio Oselame, Vigário de São Joaquim. Aquilo parece gramado firme, mas é um banhado sem fim. Metemos o carro por ali,

andamos 50 metros e o carro atolou. Trabalhamos quase todo o dia para arrancar o tatu. Por fim, tivemos que deixar o jipe, e contratar um trator do Cabo de Aço. Saímos só no dia seguinte. Olhe. Mário, quem não conhece a traição desses caminhos, não se meta neles!

A estrada dobrou à esquerda, descendo por uma garganta estrangulada entre montanhas. O deserto, em derredor. Apenas uma casa e uma tapera. Depois, é o abismo. Abismo pavoroso!

Um arrepio perpassou o corpo dos rapazes. Danilo quis parar. O caroneiro animou: - Pode seguir descansado. A estrada é muito boa, firme, empedrada. Não há perigo algum. Eu passo aqui quase todos os dias.

Dobrou à direita e surgiu repentinamente a primeira curva, fechada, muito fechada, perigosíssima. Danilo freiou o carro, umas não pode vencer a curva. Deu marcha-a-ré. E, sempre em primeira, seguiu devagar.

Para as bandas do nascente, cavava-se o abismo, enorme! Quase mil metros, em vertical! Lá em baixo, a estrada, em caracóis.

Mário, que ia do lado do precipício, curvou o corpo para dentro, empurrando o companheiro. E rezou. Que Deus guiasse o braço do Danilo. Este também rezou a Santo Antônio, o seu santo predileto. Encorajado pela palavra do caroneiro, que não cessava de falar, despreocupado, ia ele guiando destemidamente.

Mas a estrada transformou-se num estreito atalho, com pedras rolando, água correndo. Cruzaram o rio que tombava cantando na cascata. Para os lados, truculentos paredões verticais, despejando água, roncando...



O caminho alcançou o paredão oposto, surgindo a segunda curva, igualmente muito fechada. O motorista, avisado em tempo, conseguiu vencer a curva sem marcha-a-ré. Mas o abismo começava a um palmo do rodado do carro, que chegava o roçar no barranco no outro lado.

O caroneiro, só ele falava. Mário ia com muito medo. Naquele incrível nervosismo, chegava a apertar com força a máquina fotográfica, que levava nas mãos.

- São nove curvas esclarecia o caroneiro.

- Ainda sete pensou Danilo. - Santo Antônio, valei-nos!

Mário ia numa tremedeira danada. Chegava a ter inveja de Danilo, que parecia não ter medo algum, pois continuava guiando com calma aparente. Fosse eu – pensava Mário - deixaria de guiar...

Mas o bravo companheiro, o caroneiro que Deus mandou na hora, lá ia falando, com a maior naturalidade do mundo:

- Eu passo aqui desde criança. Antigamente eu tropeava. Agora guio jipe e caminhão... Lá embaixo estão trabalhando na estrada. Vai ficar uma estrada muito boa e o caminho mais curto de toda a serra dos Aparados. Apenas sete quilômetros de descida... Mais adiante, vou mostrar o lugar onde caiu um rapaz. Ia beber água. Resvalou na pedra e tombou lá embaixo. Outrora a estrada das tropas cruzava mais lá embaixo, perto do rio do Rastro.

Na conversa do vaqueano, as curvas iam sendo engolidas como caroços. Três curvas. Quatro curvas. Cinco curvas. Cada uma que dobrava, Danilo soltava um fundo suspiro. Seis curvas. Sete curvas.

Enfim, apareceu a primeira turma de trabalhadores. Tratores roncando. A estrada alargou. Um muro de blocos de arenito guarnecendo a beirada.

Pararam na oitava curva, bem ampla. Danilo sentiu o maior alívio da vida. Parecia que lhe houvessem retirado dos ombros montanhas de pedras.

- Não sei como não desmaiei!

Mário soltou uma gargalhada. Estava feliz. O medo não era apenas dele, não...

- Não, Mário, não é pra menos. Eu garanto que se viajassem mulheres conosco, teriam desmaiado todas.

- Claro que desmaiavam.

- No outro dia - interveio o caroneiro - eu levei um senhor no jipe. Na segunda curva, ele pediu: Pare, pare! Por favor! - não deu tempo de parar. O homem estava desmaiado.

- Não, eu nunca vi coisa assim! Nem em cinema!

- Mas, sabe que agora a gente se sente bem, não é? Eu estou contente. Realizei a maior aventura de minha vida. Vale a pena vir do fim do mundo só para ver esta maravilha. Todos os brasileiros deviam conhecer esta serra do rio do Rastro, a serra do Doze. Olhe, moço, se você não viesse com a gente, eu não descia. Ah, não descia! Só a pé!

Para encurtar o caso, basta dizer que durante todo o dia e no dia seguinte, a conversa dos rapazes foi aquela espantosa aventura da descida da serra do rio do Rastro, aventura que ninguém esquece, por mais que viva.

## 11-NA ZONA CARBONIFERA

Até aqui o espanto vinha de cima para baixo. Agora era de baixo para cima... Mário não parava de gritar, ao contemplar aquela muralha natural escalando verticalmente as alturas, que a neblina debruava.

- Olhe só, Danilo, aquelas torres, lá longe! Parece uma catedral, parece o Duomo de Milão, com suas gigantescas agulhas de estilo gótico.

A estrada continuava em curvas, agora bem mais mansas, descendo, sempre descendo, com regular desnível.

- Veja, Mário, aquelas orquídeas! Aqui é o paraíso das orquídeas!

- E aquelas flores, como se chamam? Que maravilha! Parece um imenso jardim!

- Aqui chamam de "jasmim da quaresma", mas o nome científico é *tibouchina*. Há várias espécies. A maioria tem cor roxa. São as árvores mais ornamentais do Brasil. O cientista Padre Raulino Reitz, botânico de fama mundial, quiçá o maior botânico do Brasil, descobriu aqui, nesta região, plantas que só existem no Pacífico Sul. No Morro da igreja, descobriu uma plantinha que é das montanhas da Groenlândia e do Canadá. O Padre Hercílio Cappeler, Vigário de Lauro Müller, também fez importantes descobertas botânicas nos Aparados.

- Quer dizer, Danilo, que os Aparados são mesmo uma joia!?

- Uma joia desconhecida. Mas um dia, Mário, o Brasil descobrirá os Aparados, a maravilha dos Aparados...

Cruzaram o povoado do Doze. Depois, a vila de Guatá. Danilo esclarecia:

- Aqui principia a zona carbonífera de Santa Catarina. Aqui principia a região onde se extrai a maior produção de carvão do Brasil. Daqui para a frente, é só o que se vê: carvão, carvão, carvão...

A descoberta do carvão - prosseguiu Danilo - possui uma história interessante. Lá pelo ano de 1827, tropeiros desciam a serra do rio do Rastro rumo de Laguna. Pois um dia, preparando a refeição, notaram pedras pretas que haviam acercado ao fogo para servirem de sustentáculo à panela, entrarem em combustão e reduzirem-se a cinzas...

A notícia propagou-se. Em 1832, a Câmara de Deputados pedia informações ao Presidente da Província de Santa Catarina. Anos após, em 1835, em Tubarão tinha início a lavra carbonífera...

Os rapazes pernoitaram em Lauro Müller, cidadezinha pitoresca, aninhada entre montanhas, com a igreja matriz lá no alto, bem no centro.

Prosseguindo viagem, no dia seguinte, passaram pois Urussanga, Criciúma, a Capital Brasileira do Carvão. Meteram-se pela estrada federal em construção, a BR-59, hoje BR-101.

Perto de Maracajá, Danilo falou:

- Logo além daquele morro, foi onde apareceram os discos voadores.

- isso é bobagem, Danilo! Disco voador é lenda!

- Lenda nada. Eu falei longamente com o seu Pedro Zili. Visite o local. Tirei todas as dúvidas.

- Então, como é que foi? Conte lá.

- Foi assim: o Seu Pedro estava trabalhando com um cunhado na construção de uma zorra para puxar fumo. Por volta das dez horas, ouviram uma zoadada forte. O gado fugiu assustado para perto de casa. Ficou olhando, olhando, de cabeça erguida e orelha em pé. Meia hora depois, o cunhado saiu, e notou perto do capão de eucaliptos um avião caído. Foi o que ele pensou.

Chamou o Seu Pedro. Foram ambos dirigindo-se para o local. Mas eis que dois homens altos, vestidos de macacão, embarcaram no aparelho. Este, a seguir, levanta voo, com aquela zoadada. Logo após, não é que mais outros dois pratos brilhantes levantam voo por trás do capão? A seguir, mais dois. Os cinco pratos, formando uma esquadrilha, voam rumando para o lado do mar.

Os vizinhos também viram. Mas o curioso é que fazia mais de uma semana que vinham notando a falta de laranjas das laranjeiras junto do Capão dos eucaliptos. Lá não podia ter entrado ninguém, pois o potreiro está bem fechado com espinhenta cerca viva. Além disso, todos os vizinhos tem abundância de laranjas...

- Ah, eu agora me lembro de ter lido isto numa revista. Pensei que fosse fantasia.

- Pois não é, Mário. É realidade!

Chegaram em Araranguá, cidadezinha catarinense às margens do rio do mesmo nome. O rio, nas grandes enchentes, transborda, causando inundações em toda a cidade, que se estende na planície.



- Agora, Mário, vamos à praia, tomar um banho de mar. Lavar o corpo do tremendo susto que levamos ao descer a serra.

Hospedaram-se no Hotel Siri. O Proprietário, o Seu Francisco Leonardelli, mais conhecido pelo apelido de Paulista, contou que naqueles dias um pequeno avião particular havia caído ao mar e que o piloto se salvara agarrando-se ao pneu, que se desprendera do aparelho e ficara boiando...

Os dois rapazes passaram o dia na praia. Tomaram banho de mar, banho de sol. Colheram orquídeas nos banhados. Visitaram o Morro dos Conventos, o farol, a sete quilômetros do Arroio do Silva, a praia onde se encontravam.

O alto penedo, onde assenta o farol, e o ponto culminante no Morro dos Conventos. Vista maravilhosa sobre o mar! Em frente, a larga praia, com lindas casas de veranistas. Enorme edifício de apartamentos. À esquerda, o rio Araranguá, entre dunas de areia. Danilo explicava:

- O rio Araranguá mudou de leito. Uma vez entrava no mar mais adiante. Durante a enchente, rompeu por aqui... Você sabe, Mário, foi por aqui onde Garibaldi naufragou, durante a sua campanha na Revolução Farroupilha. Os que não morreram no mar, quase morreram de frio. Salvaram-se correndo pela praia até se esquentar...

Tomaram café no hotel. Depois, desceram para visitar as furnas. Recanto de fábula. Enorme montanha de areia, onde os rapazes corriam, resvalavam, numa festa infantil. Junto às furnas, poética ponte rústica sobre o lago, onde marrecas selvagens nadavam alegremente.

- Que local maravilhoso, não é, Danilo?! Cenário de cinema. Apetece ficar horas aqui, não é?

- Mas vamos até a barra ver os botos.

- Os botos?

- É muito interessante! De manhã, lá pelas dez horas, e de tarde, às três horas, mais ou menos, as tainhas sobem para o rio. Os botos andam a cata destes peixes. Então os pescadores, de tarrafa pescam as tainhas. Chegam a pescar dez e até quinze com uma tarrafada.

Mário gostou demais de ver os botos, pulando fora da água, o focinho enorme, perseguindo as tainhas. Oito botos emergindo com impressionante majestade.

Ao voltarem ao hotel, os rapazes deram com um ônibus cheio de moças. Eram jecistas que haviam estado num congresso em Passo Fundo e, agora, excursionavam em visita aos Aparados, Morro dos Conventos e Taimbezinho. Danilo encontrou algumas conhecidas, como Maria de Lourdes, de Bagé, Cármen Lúcia, também de Bagé, o Laura, de Pelotas, e a Susana, de Rio Grande.

Mário ficou encantado com aquelas tão delicadas mocinhas. Levou o endereço de várias, para se corresponder.



## **12-AS FURNAS DO SOMBRIO**

Pernoitaram no Arroio do Silva e, de manhã cedo, seguiram para o Taimbezinho. Meteram-se pela rodovia federal, ainda em construção, a atual BR-101. Estrada larga, reta. Não sendo ainda pavimentada, os veículos levantavam nuvens de poeira.

Pouco além da cidade do Sombrio, ao lado da grande lagoa do mesmo nome, Danilo falou:

- Mário, vamos visitar aqui as furnas do Sombrio. Vamos entrar de jipe dentro da grande furna, onde cabem dezenas de carros. Olhe, lá está ela.

Dobram a direita. O jipe foi logo entrando, de faróis acesos, à luz dos quais, via-se, no fundo da caverna, um poço de água, fechado por uma cerca.

- Aqui nesta água, Mário, há uma lama medicinal para as doenças da pele. Antigamente os índios botocudos vinham aqui em busca desta lama.

- Deviam industrializá-la, não é?

- Decerto, algum dia alguém se encarregará de acondicioná-la em potes para oferecer nos turistas.

- Danilo, você não sabe explicar o fenômeno da formação destas furnas?

- Sei. Quem explicou para mim foi o próprio Vigário do Sombrio, o Pe. João Reitz, irmão do fumoso cientista Raulino Reitz. Aqui existe arenito e basalto. Com a ação do fogo vulcânico,

formou-se o botucatu, que é o arenito torrado, resistente, que resultou do cozimento do arenito. O botucatu ficou e o arenito mole desapareceu, formando desta maneira as furnas. Aqui por baixo desta serra deve haver muitas furnas. Estas ficaram à flor da terra.

- Que interessante! Hoje aprendi mais esta. Eu nem sabia o que era botucatu.

- Agora, outra coisa, Mário. As furnas do Sombrio, com seu fabuloso complexo de vegetação, consideram-se as melhores do Brasil pela riqueza botânica. Vamos lá fora admirar a vegetação por cima das furnas, cobertas de figueiras silvestres. Repare, Mário, lá está o Leopoldão.

- O que é?

- A orquídea, popularmente conhecida pois Leopoldão. Seu nome é *catléia gutata leopoldi*. É a maior orquídea do sul do Brasil. Enormes cachos! Daqui se vê bem.

Depois de admirarem detidamente as furnas e a sua vegetação, os rapazes ficaram olhando para a imensidão da lagoa, naquele recanto de magia. De um lado, os morros, muitos deles cobertos de bananais; no meio, a estrada com seu intenso movimento; além, a lagoa...

- Mário, este lugar deverá um dia ser bem aproveitado para o turismo. Deverão construir aqui alguns restaurantes, hotéis, postos de gasolina, pista de patinação aquática...

As águas da lagoa, Mário, são doces, mas em tempo de seca, misturam-se com a água do mar. Há, por isso, muito peixe, peixe de água doce e peixe do mar. Há muito cuja nestes banhados. É o tal de ratão-de-banhado, de pele apreciadíssima.

- E o nome Sombrio, Danilo, donde vem?

- Vem de um morro coberto de mata negra, de aspecto sombrio. Fica lá adiante, no distrito de Santa Rosa de Lima.

## **13-TORRES**

Ao longo da estrada, vendedores de abacaxi, oferecendo aos transeuntes. Danilo parou. Informou-se do preço. Barato! Cinco cruzeiros! Compraram. Mário descascava e dava uma fatia a Danilo, que dirigia o jipe.

- Gostoso, não é?

- Pois é, Mário. Aqui é a terra do abacaxi. Abacaxi gostoso e barato!

- Zona de muita banana também, não é? Olhe ali.

- Banana, cana de açúcar, arroz, milho, aipim...

À direita, longe, a muralha dos Aparados, correndo de norte a Sul. Danilo esclarecia:

- Aqueles são os Aparados. Separam eles dois mundos de espantosa diversidade. Lá em cima, é a campina gaúcha, com seus pinheiros, o gado pastando... Clima das alturas, com as nevasdas do inverno e o minuano... Cá em baixo, clima tropical, com outra vegetação, outra flora, outra fauna. Até o homem é diferente. Veja o que faz a diferença de altitude.

Mário ia empolgado diante do panorama estonteante que desfilava soberbamente, como em tela cinematográfica. Depois perguntou:

- E o Taimbezinho, Danilo, onde fica?

- Nesta direção - disse apontando para o poente. - Se houvesse estrada por aqui, seria um pulo. Já existe projeto de uma, partindo de Praia Grande e passando por Taimbezinho. Se o Brasil desse mais importância ao turismo, esta rodovia estaria aberta há muitos anos. Não sei quantos anos levaria para sair. Decerto mais de dez, quem sabe? E uma lástima! Por falta desta estrada, nos somos obrigados a andar, desde Araranguá, mais de duzentos quilômetros, quando por aqui, por Praia Grande, o Taimbezinho não dista mais de 50, desde a rodovia federal.

Passada a ponte sobre o Mampituba, divisa de Santa Catarina com o Rio Grande do Sul, os rapazes andaram mais uns minutos e deixaram a rodovia federal, dobrando à esquerda, rumo de Torres, que surgiu dentro de cinco minutos.

- Sabe, Mário, eu também não conheço Torres. É a primeira vez que entro aqui. Teremos de apelar para um guia que nos oriente. O que eu sei é apenas um pouco de História. Sei por ler em livros que Torres é um dos mais antigos núcleos populacionais do Estado.

Em 1809, D. Diogo de Sousa mandou criar aqui uma guarnição militar. Em 1814, teve início o povoamento, sob os auspícios do comandante da fortaleza o alferes Manuel Ferreira Porto. Alguns presidiários, recolhidos ao forte, construíram a capela de São Domingos, em 1824.

Dois anos depois, em 1826, chegavam aqui 383 imigrantes alemães, procedentes de São Leopoldo. Os católicos ficaram morando por aqui, perto do presídio, indo os protestantes para junto do rio Três Forquilhas, a oito léguas daqui...

Conversando. Os rapazes foram entrando na garrida cidadezinha de Torres, na encosta de um cerro, alteando belos edifícios, quase todos hotéis, entre os quais se destaca o Farol Hotel.

Estacionaram o carro na rua central, à pequena distância da praia. Um navio encalhado e destroçado no mar chamou a atenção dos dois turistas. Danilo perguntou a um rapaz, que passava por lá:

- Por favor, moço, pode nos informar: Aquilo não é navio encalhado?

- Exatamente - respondeu o rapaz, muito atencioso, que logo se colocou à disposição de Danilo e Mário, apresentou-se como sendo Antônio Rosa Santos.

- Como foi?

- Foi no ano passado, no dia 6 de março – respondeu. - É o navio brasileiro Avaí. Encalhou na ilha dos Lobos, que às vezes, na maré cheia, fica toda encoberta pelas águas. O barco partiu-se e a carga veio dar à praia. Era composta de pêssego, óleo de linhaça, lã... Todo mundo apanhava.

- Escute, Antônio: Onde vem mesmo o nome de Torres?

- Estes penedos, vistos do mar, dão a impressão de três torres de pedra. Por isso batizaram o lugar de São Domingos das Três Torres. Quando passou à vila, tomou o nome de Vila de São Domingos das Torres. Mais tarde, com a criação do município, a denominação ficou reduzida a Torres.

- Antônio, - convidou Danilo - você não pode nos acompanhar na visita à cidade e arredores?

- Com muito prazer. Vejam, aqui é a praia do Norte. Logo além fica a barra do Mampituba. Depois, querendo, podemos ir até lá. Vou levar vocês à Torre do Norte, lá junto do farol.

Todos embarcaram no jipe, que rumou para o farol, no alto da cidade, logo acima da igreja matriz.

- Aqui ao lado da igreja, onde agora está a casa paroquial, hospedou-se em dezembro de 1826 D. Pedro I. Era uma casinha que hoje não existe mais. Depois, na volta, podemos visitar a igreja, não é? É histórica.

- Claro, nós queremos ver tudo o que há de interessante.

Do alto da Torre do Norte, ergue-se a farol, no meio de um verde gramal. Sobre o qual apetece sentar, para ficar admirando aquele panorama deslumbrante. À esquerda, a cidade, o centro da cidade, com seus altos edifícios.

- Esta praia, aqui embaixo deste morro do farol, chama-se Praia da Cal. isto porque antigamente havia ali uma fábrica de cal, que aproveitava os sambaquis. Aqui era zona de índios. Foram encontrados aqui muitos vestígios, como panelas, pedras trabalhadas... Chama-se Praia da Cal ou Prainha.

Aqui é a Torre do Norte. Lá, além da Praia da Cal, é a Torre do Centro. Depois, mais abaixo, perto da Guarita, é a Torre do Sul.

- Que lindo aquele gramado da Torre do Centro! - disse Mário. - Grande. Que extensão terá?

- Não sei exatamente, mas deve dar uns 500 metros de comprimento. Nós iremos lá de carro. Chama-se também Morro das Furnas. Depois veremos as furnas.



- Se a gente não tivesse pressa, apetecia ficar horas inteiras aqui a contemplar estas maravilhas! - comentou Danilo. - Mas vamos adiante.

Desceram o morro do farol. Visitaram a igreja de São Domingos, com a histórica imagem do seu padroeiro. Deram volta à cidade, indo estacionar ao pé do Morro das Furnas, junto da Praia da Cal.

- Aqui - esclareceu Antônio - Temos que andar a pé. Vamos ver o Portão. É um arco de pedra, formado pelas ondas. Antigamente a gente passava por baixo do arco. Agora fizeram uma ponte.

Os três rapazes, deixando a carro, andaram pelo gramado e desceram à esquerda, junto da praia, onde, entre pedras, viam-se conchas que as ondas traziam do mar. Danilo e Mário aproveitaram para apanhar meia dúzia delas.

- Deixe escutar o barulho do mar - disse Danilo. Pondo uma ao ouvido. - Você já escutou. Mário?

Além da ponte de madeira, firmada sobre rochas, as ondas rompiam-se com violência, salpicando os turistas. Dois pescadores, de carretilha na mão, aguardavam com paciência a aparição de algum peixe.

Visita rápida. Cinco minutos. Retornaram ao carro. Roncando forte na primeira, venceram a ladeira íngreme do Morro das Furnas, todo coberto de grama nativa, macio como veludo, onde bancos de pedra convidam o passar momentos de êxtase, diante daquela maravilha sem par. Numerosos turistas lá estavam naquele recanto pitoresco.

Antônio, nascido e criado em Torres, vai explicando:

- Esta é a Torre do Centro. Aqui embaixo fica o Tocão, mas não tem acesso. Olha lá o Tocão. Uma furna grande, formada pelo bater das ondas. Lá adiante, para o sul, fica a Furna Grande. Depois, o Saltinho, com descida de 40 metros de degraus de pedra natural. Nós vamos lá descer. Mais para o sul, fica a Furninha, ao lado da Furna do Diamante. Chama-se do Diamante porque brilha como diamante. Aqui existe uma lenda. Contam que antigamente alguém teria enterrado um cargueiro de ouro e diamantes...

Antônio levou os rapazes a descer pelos degraus, até bem junto do mar, a fim de mostrar-lhes todas as furnas e contemplar o rochedo cortado a pique, visto de baixo para cima. Depois chamou a atenção:

- Olhem os botos!

Dois botos emergiam da água, dando seus pulos, correndo em perseguição das tainhas.

- Agora - convidou o guia - vamos retomar o jipe, para descer até a Guarita e a Torre do Sul. Lá, vejam. É um lugar muito lindo. Nenhum turista deixa de visitar. A gente podia descer a pé por aqui mesmo. Há umas escadinhas. Mas por causa do carro. Senão é preciso voltar aqui, subindo o morro.

Foram. Estacionaram o jipe ao pé da Guarita, ao lado de umas dezenas de outros carros. Mário, vendo dois rapazes no alto da Guarita, exclamou:

- Eu vou subir também. Você, Danilo, bate uma foto.

Ele subiu e Danilo bateu a foto. Bateram várias dezenas de fotos em toda a visita a Torres. Depois, subiram à Ponte, ao Alto da Ponte, para completar a exploração dos locais mais apreciados.

A seguir partiram rumo da Barra do Mampituba, enquanto Antônio falava:

- Rui Barbosa, debateu-se na Câmara e no Senado em prol da construção de um porto em Torres. E, por não ver aprovado o seu projeto, ele renunciou ao mandato.

- Verdade, moço?

- É a pura verdade! E até hoje não temos aqui, já não digo um grande porto marítimo, mas nem sequer um pequeno porto pesqueiro e turístico. O Governo do Estado deveria desapropriar o Morro das Furnas para formar um parque estadual. Dizem que vão fazer. Veremos.

## **14-A SERRA DO PINTO**

Com mil agradecimentos, os rapazes despediram-se de Antônio, guia atencioso e esclarecido, que tão sabiamente os orientou na visita a uma das mais apreciadas estações balneárias do Sul do Brasil, a Rainha do Atlântico Sul.

Na rodovia federal, dizia Danilo:

- Agora temos de andar mais de 50 quilômetros pela Federal, até Terra de Areia, onde deixaremos esta rodovia, para seguir pela da Serra do Pinto. De Terra de Areia a Osório são apenas 50 quilômetros.

- Não diga, Danilo. Então já estamos perto de Capão da Canoa e Tramandaí? Eu já estive diversas vezes nessas praias.

- Pois é, Mário. Agora você ficou conhecendo mais duas praias: Torres e Morro dos Conventos. Que achou, não são lindas, ao lado de Tramandaí e Capão da Canoa?

- Em questão de encantos naturais, em questão de paisagem turística, não tem comparação. Ninguém discute.

- Agora vamos subir a Serra do Pinto e depois, o Taimbezinho, a coroação de toda esta série de maravilhas que estamos visitando.

- Por que Serra do Pinto, Danilo?

- Pinto é o nome do primeiro morador de toda esta serra. Daí o nome.

Em Terra de Areia, um pequeno povoado cortado pela estrada federal, os rapazes dobraram à direita, onde um vale entre montanhas abria caminho de acesso aos Aparados, pela estrada da Serra do Pinto. À direita, picos alcantilados brindavam um cenário de estonteante beleza. Foi lá, ao pé do Morro do Chapéu, que morreu em acidente aviatório o conhecido político Fernando Ferrari.

Por algumas dezenas de quilômetros, o jipe dos rapazes seguiu em terreno quase plano, atravessando o fertilíssimo vale de Itati. Ao atingir o sopé da Serra do Pinto, cruzaram uma ponte de cimento e estacionaram à esquerda, perto de uma escola, às margens do arroio Carvalho, um recanto delicioso.

- Aqui, Mário, eu já passei uma noite acampado. Veja que beleza de lugar! Que água límpida! Que poço tentador para um banho! E veja quanto peixe! Quer ver uma coisa?

Danilo atirou um pedaço de pão à água e um cardume de lambaris pulou para abocanhar a isca e pondo em festa o coração de Mário.

E principiaram a galgar a serra. A estrada vai trepando em caracóis, alguns bem violentos, mas não tanto como os da Serra do Doze e nem como os da Serra da Rocinha, na estrada que liga Araranguá a Bom Jesus.

- Mas veja só, Danilo, onde esses pobres colonos vão plantar milho! Que sacrifício por esses paredões! Coitados!

- Os nossos colonos, Mário, são verdadeiros heróis. Heróis anônimos. Ninguém pode imaginar a vida que eles passam, morando nesse fim de mundo. Repare lá naqueles abismos,

trepados naqueles costões. Veja quantas casas, perdidas onde o diabo perdeu as botas.

- Perdidas as botas e perdidas as casas...

- Tudo perdido!

Doze quilômetros de serra. Depois, lá no alto, a vila de Aratiba convidava para o almoço.

Depois do almoço, reanimados e alegres, vão cantando, através do matagal, onde os pinheiros vão tombando aos golpes do machado faminto dos madeireiros.

De repente, a paisagem se transfigura como por encanto. Até aqui, eram abismos truculentos, montanhas a pique, cobertas de mataria. Abre-se agora o pampa, a maravilhosa campanha de São Francisco de Paula.

Ricas pastagens nativas, sem barba-de-bode, sem caraguatá, sem carqueja, sem samambaia. A placidez horizontal dos campos, ondulados levemente na verde solidão de veludo, de longe em longe, salpicados por capões, à sombra lírica dos pinheiros dominadores, onde sorri a vivenda do fazendeiro.

E os moços, deslumbrados diante da belíssima paisagem, tão diferente da que viram até agora, entram o cantar as modinhas dos irmãos Bertussi, filhos desta terra de tantos encantos:

São Francisco é terra boa,

Gente forte, hospitaleira...

Canhadas de campo aberto,

Coxilhas a campo fora,

Onde canta a quero-quero,

Onde o minuano chora...

Perto de Tainhas, dobram à direita, seguindo rumo de Cambará. Param a fim de bater uma fotografia daquela surpreendente paisagem. Depois, embarcam. Danilo dá ao arranque, mas o carro não funciona. Que foi? Decerto a bomba da gasolina.

Cruzou um caminhão da Celulose de Cambará. O motorista, pois sorte, era um bom mecânico. Abriu a bomba. Mexeu. Remexeu e resmungou: Duas coisas que eu nunca tive nem quero ter: bomba e macaco automático. Na hora em que a gente precisa, falham.

Mandou ligar o motor várias vezes. Nada. Nem sinal.

- O remédio é ir a Cambará comigo, para trazer um mecânico.

Danilo viu a tragédia num instante: um dia perdido, um dinheirão gasto. E o pior, talvez, sem ver o Taimbezinho. Afastou-se, andando pela estrada. Lembrou-se de Santo Antônio, o milagroso santo que nunca falha. Rezou um Pai-Nosso, com a maior fé, e prometeu uma missa.

Feito isto, voltou para junto do mecânico, que ainda remexia na bomba. Danilo tinha certeza, certeza absoluta, de que agora o carro funcionaria. Mandou colocar a bomba.

- Não adianta botar - protestou o mecânico. - Depois temos que tirar de novo.

- Bote que eu dou ao arranque.

Botaram. Deu ao arranque e –ó prodígio! o motor fez pô, pô, pô.

- Esta não - exclamou espantadíssimo o mecânico.

- Esta não! A gente vê cada coisa neste mundo, que ninguém explica.

- Mas eu explico - respondeu Danilo.

Despediram-se do mecânico, agradecendo. Embarcaram. E o carro nunca r



## 15-NO TAIMBEZINHO

Na Azulega, encruzilhada para o Taimbezinho, uma tabuleta: ITAIMBESINHO. Danilo fala:

- Está errado! É TAIMBEZINHO. Dois erros numa só palavra! O nome é Taimbezinho. Aqui ninguém diz Itaimbezinho. Só conhecem a forma aferesada: Taimbezinho. Existe a palavra *itaimbé* e também *taimbé*. É termo tupi-guarani. Significa pedra rachada.

Boazinha a estrada pelo corredor. O campo sempre mais lindo, um gramado que parece veludo. Gado gordo, pastando. Alguma casa de fazendeiros. Alguns capões com os eternos e esbeltos pinheiros, a árvore típica da região.

- O leite e o Queijo daqui, Mário, são como de Bom Jesus, os melhores do mundo! Leite muito gordo, saboroso!

No alto, ao lado direito da estrada, a fazenda do Seu Antônio Medeiros Prestes. É o ultimo grande fazendeiro antes de chegar ao Taimbezinho. Logo adiante, para a esquerda, longe, imensa planície, coberta de flores. Um deslumbramento!

Enfim Danilo esclarece:

- Já estamos perto, Mário. Você não vê nada. Ninguém imagina que ali, naquele campo, a nossa frente, se abre o imenso canhão do Taimbezinho. É preciso chegar perto para ver.

Andaram mais um pouco e, a uns cem metros, começaram a brilhar os paredões esbranquiçados do outro lado do abismo. Mário teve um calafrio e soltou um grito de alegria.

O jipe parou. Foram andando a pé. Danilo na frente, corajoso, aproximando-se da beirada do abismo. Bem na beirada. Mário gritou, assustado:

- Danilo, você está louco, rapaz!

- Por quê?

- Você vai cair. Eu sinto arrepios só de ver você ali!

- Não tem perigo algum, Mário. Vamos, dê cá a mão. Assim. Até hoje não caiu ninguém.

- Ai que medo!

Mário parecia que estava sonhando. Esfregou os olhos para cientificar-se de que estava acordado. Aquele incrível precipício, aquele abismo sem fim, aberto de repente ali no meio do campo, espetacularmente, aos seus pés, na planura impecável do pampa, não seria talvez imaginário, fruto de um delírio?...

Desfeita a primeira impressão, Mário sentou-se numa pedra e ficou olhando, de boca aberta, dando gritos, olhando para aquele inacreditável prodígio da natureza.

- Escute o rumor do rio - observou Danilo.

Mário, que antes concentrara toda a atenção no que os olhos viam, deu agora de escutar aquele misterioso rumor de cascatas que vinha do abismo, rumor modulado pelos ecos, misteriosamente. Um rumor vago, que parecia vir de longe, de outro mundo, prenhe de saudade, de estranha nostalgia.

- Repare lá embaixo o rio. É o rio do Boi. Lá adiante ele se some no itará, para reaparecer mais além!



Mário estava embasbacado. Soltava exclamações, cada vez que descobria algo novo:

- Olhe só, Danilo. Lá do outro lado é a mata, com seus pinheiros. O paredão liso, vertical. Depois aquela abertura por onde o rio se some. Que profundidade terá?

- O ponto mais fundo é de quase oitocentos metros. A largura varia de um metro a mil. Logo ali acima é o ponto mais largo. O comprimento é de oito quilômetros. Depois veremos onde principia. É lá para cima.

- Mas como é que se explica a formação desta maravilha?

- Olhe, a uns oito quilômetros daqui, estão os Aparados, que você conhece. Quando surgiram os Aparados, no pouto crítico estático do litoral e desta serra, deu-se naquela ocasião a ruptura, afundando-se grande parte no mar. Este rompimento ocasionou outras fendas como esta do Taimbezinho.

- Deve ser, não é? Pois isto não parece fruto de erosão.

- Não, erosão não foi! Não pode ser.

- Mas, Danilo, será que existe no mundo algo semelhante?

- Existe o Grande *Canyon* do Arizona. Mas não se compara. Aquilo surgiu da erosão do rio Colorado. O Taimbezinho provém de coisa diferente; é fruto, como disse um jornalista de Porto Alegre, de uma gargalhada telúrica.

- Boa! Gargalhada telúrica!

- Apareceu num instante. O *Grand Canyon* levou milênios para cavar seus dois mil metros de profundidade. Possui 350 quilômetros de extensão e 16 de largura. A força corrosiva do Colorado, o rio mais impetuoso do mundo, carrega consigo

diariamente um milhão de toneladas de sedimento. É verdade, o *Grand Canyon* é muito mais grandioso. Mas o *canyon* gaúcho encerra encanto particular. Veja só: a característica mais espetacular do *Grand canyon* é o Paredón Vermelho, que se eleva quase verticalmente à altura média de 165 metros. Ora os paredões do Taimbezinho são todos verticais, medem trezentos, quatrocentos, seiscentos, setecentos, oitocentos metros, à proporção que o rio desce.

- É verdade, Danilo. O Taimbezinho, neste caso, é muito mais admirável.

- Outra diferença, Mário: o Grand Canyon é árido, sem vegetação. Um deserto. O Taimbezinho é um preciosíssimo cofre de belezas naturais. Três lindíssimas cascatas, sorrindo ao sol com as cores do arco-íris. Veja a maciez desta grama, orlando os contornos, onde apetece deitar. A imponência da mata acolá. A mata lá no fundo do abismo. Perfume de flores. Gorjeios de aves. Esta música divina, misteriosa, nostálgica, que vem lá de baixo. Depois vou mostrar folhagens enormes que só medram aqui e nos Andes. Uma riqueza de flora! Não, Mário, curiosidade como esta, não existe no mundo inteiro. Não existe!

- Que orgulho para nós, gaúchos e brasileiros, não é?!

- Olhe ali aquele bando de andorinhas, voando lá embaixo, dentro do grotão. São andorinhas enormes, que não emigram. Diferentes das migratórias. No inverno vivem por aqui mesmo, abrigoando-se do frio nas quentes anfractuosidades deste canhão... Mas vamos andando. Repare agora, lá em baixo, aquela cascata. Parece de um metro; no entanto, mede mais de dez, talvez vinte. Olhe a mata lá embaixo. Dir-se-ia de pequenos arbustos. Mas é mata grande, como esta aqui no alto. Se não for até maior.



Ao atingirem o ponto de onde se avista a cascata do arroio Preá, disse Danilo:

- Veja só que maravilha!

- Bacana! Parece um vasto lençol de neve descambando!

Embarcaram no jipe. Param perto da casa do Seu Jacó, que é o que cuida deste lugar de turismo. Atravessaram a ponte do Preá, ponte ainda construída pelos madeireiros. Logo adiante, via-se um velho engenho. Era a serraria dos irmãos Franciosi, que durante onze anos serraram madeira aqui, derrubando milhares de lindos pinheiros, até que o Serviço Florestal proibiu.

O carro rodou agora através da mata e parou quinhentos metros além.

- Agora, Mário, vamos ver outro aspecto curioso do Taimbezinho. Aqui forma-se uma espécie de promontório, que avança sobre o precipício. Por esta canaleta é possível descer ao fundo do canhão. Mas é aventura perigosa. Lá adiante, é mais fácil a descida.

A mata vai aqui beirando o taimbé. Já não existe o gramado da campina. Na extremidade, ergue-se um miradouro natural, de onde o canhão aparece fechado, sem mostrar a fenda pois onde se escoa o rio do Boi. Parece um imenso caldeirão. À direita, a cascata do rio Preá, que os rapazes haviam apreciado desde o lado do campo. Bateram fotografias. Mário já havia gasto um filme de 36 poses.

- Veja ali que lindo! Parece um fogo, não parece? Pois são orquídeas.

- Que quantidade! E esta aqui parece uma avenca gigante.

- É uma espécie de samambaia. Chama-se *adiantum*. Há outro tipo muito bonito. É o *licopódio*, que o povo denomina pinheirinho. Há muitos nesta região dos Aparados.

- Danilo, um cientista ficaria louco, no meio de tanta variedade desta maravilhosa flora.

- Claro que ficaria! Agora ouça esta. Uma vez cheguei aqui, e escutei um coro formidável, que vinha do fundo do Taimbezinho. Precisava você estar aqui para apreciar o efeito grandioso do eco daquela cantoria! Eu teria pago não sei o que para ter um gravador.

- Quem era que cantava?

- Eram alunos da Faculdade de Filosofia de Cristo Rei, de São Leopoldo, que visitavam o Taimbezinho. Eram quase todos estudantes jesuítas, exímios cantores... Mas vamos adiante, Mário, porque você ainda não viu nada. O bonito mesmo é lá no outro lado.

Os rapazes voltaram à estrada, quando um tropeiro vinha passando, tocando três mulas de cargueiro. Danilo perguntou:

- Escute, moço, de onde você vem?

- De Praia Grande.

- Subiu a serra por aqui, sempre a cavalo?

- Subi. Sempre a cavalo, sem apear. A estrada não é ruim.

- Quanto tempo levou?

- Umas quatro horas.

- E desde os Aparados?

- Meia hora. É perto. São apenas oito quilômetros.

Após agradecer e despedirem-se, Danilo falou ao companheiro:

- Você viu, Mário, como já existe estrada daqui para o litoral, descendo os Aparados no rumo de Praia Grande? O que custaria melhorar esta estrada a fim de torná-la transitável para veículos motorizados? Os turistas aproveitariam ver duas maravilhas: o Taimbezinho e os Aparados, além de facilitar o acesso de quantos viajam pelo litoral.

- Pois é, Danilo o Brasil ainda não despertou para o turismo.

O jipe roncou outra vez. Através da mata, à direita, apareciam os paredões brancos do canhão, a uns cinco metros da estrada. Depois, surgiu uma clareira, à esquerda, um banhado, e, por fim, uma casa.

- Ali mora D. Adelina Origoti da Silveira - esclareceu Danilo.  
- A esta mulher pertence um trecho de terreno às margens do Taimbezinho. O governo vai agora desapropriar para formar o Parque Nacional do Taimbezinho. D. Adelina descende dos primeiros moradores deste lugar.

E prosseguindo sua explanação, Danilo foi dizendo:

- Quem descobriu o Taimbezinho foi Manuel Francisco de Cândia, que era da Capela dos Ausentes, lá de Bom Jesus. Há mais de cem anos ele ocupou o campo, obtendo o título de propriedade. O filho, Cláudio Antônio de Cândia, que herdou em 1886, vendeu para Eduardo Nunes da Silveira, pai de D. Adelina.

O jipe estacionou perto do rio Perdiz, ao lado de uma camioneta Kombi, com placa do rio de Janeiro.

- Daqui - disse Danilo - temos que ir a pé. A enchente levou a ponte que havia aqui, construída pelos madeireiros.

Por entre carás e gravatás, saltaram para os rochedos do rio, na cachoeira que estrondava furiosamente. Pularam o primeiro canal. O segundo obrigou a descalçar os sapatos e arregaçar as calças.

No outro lado do rio, à esquerda, abria-se o campo, ao lado de airoso capão que beira o rio. Junto ao bosque, estavam acampados os turistas cariocas, donos da Kombi: Dois senhores e uma jovem senhora, de cabelo louro. Danilo indagou:

- Então, são cariocas?

- Somos.

- Como e que vieram dar aqui, neste fim de mundo?

- Estivemos na festa da Uva, em Caxias. Já viemos do Rio com plano feito de visitar este lugar, o grotão.

A mulher, formada em Química, mostrou-se interessada em saber muita coisa: o nome daquele rio. O que significa Taimbezinho. Cambará não é nome de pessoa? Talvez dessa família do livro de: Érico Veríssimo?

- Não, senhora, - respondeu Danilo. Cambará é nome de planta. Olhe, aqui está ela. O chá de cambará é medicinal, dizem que cura até tuberculose.

E a mulher fez ainda outras perguntas. Por fim, ofereceu frutas, que estavam diante dela: - É só o que temos para oferecer - desculpou-se.

Os rapazes entraram a caminhar pelo gramado, que alguns altos pinheiros isolados enfeitavam senhorilmente.





Veja, Mário, quem olha daqui, não diz que aquele campo fica do outro lado do Taimbezinho.

- Fica do outro lado? Você não está me enganando, rapaz?

- A pura verdade. Você vai ver agora. É que o Taimbezinho aqui é muito estreito. Ele principia logo ali, onde aparecem aquelas bracingas.

Andaram uns cem metros, se tanto.

- Pronto - disse Danilo. - Aqui é o começo, no meio destas árvores. Quase não se nota. Vai afundando e alargando lentamente. Amanhã vamos descer por aqui... Agora vamos ver lá do outro lado, donde se descortina uma vista estonteante. O ponto mais atraente do Taimbezinho. Muita gente chega aqui e para, perdendo de apreciar o que há de mais lindo.

Meteram-se pois uma estrada, arenosa. Cruzaram a cerca de arame pela porteira caída. Para a frente, longe, casas de um fazendeiro. Vacas pastando. Ovelhas. Porcos.

Dobraram à direita, circundando o precipício, os olhos espantados sobre o imenso fendão, todo bordado de graciosos pinheiros, erguidos temerariamente sobre o abismo.

Vão andando. Já estão ouvindo o rumor da cascata, que também já se avista, na parte superior. Descem o terreno em declive, onde corre límpido regato, encoberto por uma restinga de casca-de-anta e outros arbustos.

Cruzam a sanga. Saem da restinga para o campo em subida. Abeiram-se do precipício, firmando-se em pedras. Mário anda de gatinhas, com muito medo, enquanto grita para o companheiro:

- Você está louco Danilo! Você vai cair.

- Não vou cair nada. Venha aqui ver. Venha olhar onde cai a água. Abriu enorme poço na rocha. Repare no paredão, como a água cavou uma fenda. Está vendo? Amanhã vamos descer para ver de perto. Agora caminhemos adiante.

Subiram pelo gramado. Foram até onde se avista a cascata de frente, que tombava com imponente majestade, formando dois jatos distintos. O da esquerda divide-se em três. Queda de 220 metros, num tombo livre!

- Mário, daqui a gente não pode ver toda a queda. O canal é muito fundo e estreito. Mas lá adiante, naquela pedra saliente, pode-se ver.

- Lá eu não vou. Nem falar.

- Vamos, Mário. Você vai perder o que há de mais bonito.

E Danilo foi caminhando, para, a seguir, descer a íngreme ladeira, realmente perigosa. Descia escorregando, firmando-se com as mãos, sob os gritos do companheiro. Por fim, firmou os pés na pedra, sobre a qual se inclinou, olhando para o fundo do abismo, de onde subia forte rumor e neblina, provocados pela queda violenta da água.

Fazia sinal para Mário, que viesse também ver a maravilha. Mas o companheiro não se atreveu. Assim acontece com a maioria dos turistas: não se animam a beirar-se daquele ponto realmente temerário.

- Mário, você precisa admirar isto aqui de manhã, com o sol batendo e formando arco-íris. Às vezes, formam-se dois arco-íris. Uma vez, por volta do meio-dia, estava eu aqui olhando. De repente, vejo um fenômeno curioso. Soprou um vento forte,

encanado. Dava contra a cascata. Começou a levantar uma nuvem de bolhas do tamanho de um ovo de galinha, vista, daqui. Brilhavam com as cores do arco-íris. Aquilo durou uns quantos minutos. Depois tornou a repetir-se. Verdadeira maravilha!

- Sabe. Mário, eu estou encantado com o tombo da água. A gente acompanha com os olhos aqueles flocos brancos descendo. Como demora! Interessante! De cada ângulo, a gente nota algo diferente. Apetece ficar horas aqui olhando.

- Mário, olhe aqui começa a vir a cerração. Vamos embora. Vamos ver lá do outro lado. É um espetáculo!

Dez minutos de passo largo. Vadearam o rio. Embarcaram no jipe. Correndo, chegaram junto da cascata do Preá, Mário abriu a boca:

- Que maravilha! Vamos lá mais perto.

Toda a extensão do Taimbezinho vinha despejando para cima uma bruma alvíssima, que ora tapava inteiramente os paredões, ora deixava entrever. Daí a pouco, a neblina diluiu-se no céu e o abismo reapareceu. Pouco depois, nova erupção encobria o precipício. Eram nuvens que subiam furiosamente, como se fossem labaredas de gigantesco incêndio.

- Que espetáculo. Danilo! Como é que se explica este fenômeno?

- Lá embaixo a temperatura esquenta. O ar quente vem subindo, encontra a corrente de ar frio, condensa-se, formando a nuvem... Mas vamos embora. Vamos a Cambará pernoitar. Se aqui houvesse um hotel...



## **16-EM CAMBARÁ DO SUL**

Na encruzilhada da Azulega, a noite vinha caindo. Para as bandas do Sul, relâmpagos riscavam fósforos na escuridão.

- Olhe lá a chuva, Mário. Vai outra vez estragar a Festa da Uva.

- E se chover aqui, amanhã, não vai estragar o nosso passeio?

- Não. De manhã não vai chover. Poderemos descer ao Taimbezinho sem chuva, tranquilamente. Depois pode chover.

- E subir, Danilo, se chover?

- Sempre daremos um jeito. E se não der, ficaremos por lá. Você não gostaria de saborear uma dessas aventuras naquele misterioso canhão?

- Não fale assim, Danilo. Por amor de Deus!

- Deus vai conosco, Mário. É preciso ter confiança. Quem confia no Senhor, nada deve temer.

Em Cambará do Sul, naquele tempo ainda vila de Cambará, do município de São Francisco de Paula, os rapazes abasteceram e veículo no posto do Seu Castanha. Jantaram no Hotel São Jorge, do Seu Jorge Benini. Depois do jantar, visitaram Sildéia Trindade, conhecida e amiga de Danilo.

- Você vai agora conhecer uma artista do Taimbezinho, a Sildéia. É uma jovem que orgulha Cambará. Eu só quero que você veja os quadros que ela pintou do Taimbezinho.

Sildéia Trindade e sua mãe fizeram uma festa para os dois rapazes, que ficaram encantados com os quadros por ela pintados.

- Este é da “Fortaleza”. Vocês já estiveram na “Fortaleza”?

- Ainda não respondeu Danilo. - Mas ouvi falar.

- É uma maravilha semelhante ao Taimbezinho. Chama-se “Fortaleza” porque o paredão dos Aparados forma ali uma como fortaleza, de 16 quilômetros de extensão. É um paredão a pique, enorme, impressionante... Oitocentos metros de altura!

- Que maravilha! Oitocentos metros de altura e 16 quilômetros de extensão! Incrível!

- Agora vejam esta pedra. Parece suspensa. É de lá, da Fortaleza. Existe lá um conjunto extraordinário de maravilhas. Vale a pena visitar.

De manhã muito cedo, o jipe voltava pela mesma estrada. O horizonte levantino parecia um incêndio de tanta nuvem vermelha.

- Olhe lá a chuva, Danilo.

- Não fale em chuva, rapaz!

Caminhões de reboque, com enormes carregamentos de tábuas e toras passavam rumo sul.

- Para onde vão estes caminhões, Danilo?

- Para Canela, Taquara, Porto Alegre...

- Então, por esta estrada a gente vai a Porto Alegre?

- Claro. Por aqui é muito mais perto do que por Bom Jesus. Menos de 200 quilômetros. Passa por São Francisco de Paula, que dista uns 70 quilômetros de Taimbezinho. A gente pode vir aqui

também por Caxias do Sul, via Ana Rech, Vila Seca, Apanhador, Lajeado Grande, pela estrada de Torres. Em Tainhas, em vez de seguir para Torres, vem rumo de Cambará, por onde nós passamos. De Caxias ao Taimbezinho são 130 quilômetros.

- Perto, não é?

- Perto e a estrada é boa. Sempre através do campo. Agora quem vem de Florianópolis pelo litoral, não carece subir pela Serra do Pinto. Sobee pela Serra da Rocinha, pela estrada de Araranguá a Bom Jesus. Nos Aparados, no posto de controle policial, dobra à esquerda, passa por Ouro Verde, na Celulose de Cambará. É esta mesma estrada.

Os visitantes procedentes do Rio, São Paulo, Centro e Norte do País, pela BR-2 (hoje BR-116), ao chegarem em Vacaria, devem seguir por Bom Jesus e daí aos Aparados, acabando nesta mesma estrada. Mas é melhor ir até Ana Rech, pois assim aproveita o asfalto desde Vacaria.

Agora quem vem de Porto Alegre deverá passar por Canela, via Nova Petrópolis, ou por São Francisco de Paula, via Taquara. Para os que vêm de Porto Alegre, rumo de Santa Catarina, São Paulo, Rio e o resto do Brasil, o mais indicado é visitar o Taimbezinho e descer para o litoral pela estrada da Serra do Pinto ou da Rocinha. Não querendo ir pelo litoral, vai por Vacaria, via Bom Jesus ou Ana Rech.

- Sabe, Danilo, chegando em Porto Alegre, vou organizar uma excursão com toda a família. Eles não podem deixar de conhecer estas maravilhas.

- Pois é, Mário, quem vem uma vez aqui, nunca deixa de voltar. Volta duas, três, muitas vezes. Vem gente da Argentina, da Alemanha, dos Estados Unidos, só para ver o Taimbezinho. Um

dia, Mário, o Taimbezinho se tornará um ponto obrigatório de turismo. Terá como o Grand Canyon a visita diária de dez mil pessoas.

- Nunca, Danilo! Nem daqui a cem anos.

- Basta que se faça propaganda. Depois é necessário construir um grande hotel, restaurantes, uma boa estrada. Uma estrada ao longo dos Aparados, Mário, seria a maior atração turística do mundo. Ao longo desses duzentos quilômetros de maravilhas!... Eu até fico às vezes com raiva. Sabe por quê? Turistas que vêm dos pontos mais remotos do mundo, chegam aqui e encontram o Taimbezinho encoberto pela cerração. Como não há hotel, vão embora e não voltam mais. Perderam a viagem. Se houvesse hotel, pernoitavam e de manhã cedo nunca há cerração.



## **17-A DESCIDA AO TAIMBEZINHO**

Às oito horas da manhã, o jipe estaciona junto do rio Perdiz, diante da casa de D. Adelina. A Kombi dos cariocas ainda lá se encontra, pois haviam acampado, numa barraca de lona.

- Podemos deixar o carro aqui. Ninguém vai mexer. Você pegue da corda, da lanterna, do altímetro. Eu levo o resto, a máquina fotográfica, os binóculos, a faca e a sacola do farnel.

E agora os dois improvisados alpinistas, num delírio de emoção e felicidade, empreendem a perigosa e imprevisível aventura, enfrentando o mistério, para desvendar segredos, ao peneirar na garganta imensa daquele monstro desconhecido, que dorme o sono dos séculos, no coração do pampa gaúcho.

Um carreirinho, que parece de bichos, mergulha na restinga. Vai descendo entre carazinhos, avencas e folhagens. À esquerda, principia o vale, pequeno, estreito. Um fio de água atravessa o atalho. Sobe-se um nadinha, no outro lado, e surge de repente o primeiro salto vertical.

Danilo vai à frente. Agarra-se em raízes de árvores, em varas de cará. Vai descendo de costas, como alpinista. Dá um pulo e atola o calçado na lama. Mário vem atrás, executando a mesma ginástica, com menos agilidade.

O desfiladeiro mede aqui uns três metros de largura e uns 30 de altura. A vegetação veste as paredes, ensombrando e obstruindo a passagem. Um tronco de pinheiro jaz deitado ao comprido, escorregadio, recamado de ervas, líquenes e musgo.

O cará vegeta por todos os cantos. Agarra-se nos penedos, trepa nos paredões, audaciosamente. Estende os braços para os alpinistas, que neles se agarram na descida. Cará providencial, mas cará traiçoeiro para o gado. Danilo para e diz:

- Viu quanto cará? Ele ama os itaimbés. É ótima forragem para o gado. Às vezes, as vacas, atraídas, gulosamente se abeiram demais, resvalam e tombam no abismo. Muita gente perdeu gado aqui dentro e ao longo dos Aparados por causa do cará. Uma vez quiseram ver um boi que tombou perto da cascata, lá abaixo. Espantoso o que viram! Da rês o que sobrou foi apenas um pedaço de osso da cabeça e as aspas. O resto, a carne, o couro, os ossos, estava tudo moído esmagado. Não se aproveitou nada.

- Que coisa horrível!

- Também um lombo desta altura, com tanto peso, em cima das pedras!

A conversa serviu de descanso. A descida ia lenta, sobre pedras e limo escorregadio. Danilo, que ia na frente, gritou:

- A corda, Mário.

Um degrau vertical de poucos metros formava uma cascatinha, com pequeno fio de água.

- Aqui, Mário, só se desce com corda. A gente amarra aqui, neste tronco deitado. Veja o sinal onde os excursionistas costumam amarrar.

Danilo amarrou a ponta. Depois agarrou o rolo da corda e jogou lá abaixo. A seguir, agarrado à soga, de costas, firmando os pés nas pedras, desceu com bastante facilidade, não sem molhar a

roupa na água da cascata. Mário Desceu também, soltando uns gritos infantis.

- Agora - disse Danilo - temos de cortar a corda, para depois, na volta, subir por meio dela.

Danilo cortou e amarrou a extremidade do pedaço cortado numa saliência de rochedo, para evitar que, chegando alguém lá em cima, levasse a corda.

A garganta vai se aprofundando e alargando lentamente. Faz frio e o chão é molhado. A água sempre aumentando. Vegetação encobrendo tudo. Olhando para a frente, os paredões, ao longe, tomam formas precisas, impressionantes, desafogando-se aos poucos do estrangulamento.

Agora dois pinheiros deitados ao longo do desfiladeiro. Mário pensa: Como vieram parar aqui? Decerto o vendaval. Pela borda do precipício, lá no alto, há tantos pinheiros. Que atrevimento, bem na beirada! É claro que um ou outro cai.

A descida agora é violenta, com um desnível de, pelo menos 60%. Pedras lisas como sabão. Água escorrendo... Os moços descem devagar, quase sempre de gatinhas.

Há degraus, grandes degraus, que reclamam habilidade para transpor. Num eles, Danilo desceu e ficou esperando o companheiro. Este escorregou e caiu lá embaixo. Danilo aparou-lhe e tombo, recebendo o colega nos ombros.

Logo adiante, perto da primeira cascata, Mário resvalou numa pedra muito lisa e de novo caiu, indo parar um metro além. Esfolou a perna e a mão direita, que sangravam. Danilo com a faca tirou-lhe a lama das calças.

- Mas você é descuidado e mole, rapaz! Você não pode facilitar. Um tombo nestas pedras não é brincadeira!

Mário já sentia vontade de voltar. As pernas tremiam-lhe. Quis parar para descansar. E foi o que aconteceu. Pararam ambos para olhar a cascata de uns cem metros, que caía numa nuvem de neblina.

- Mas vamos adiante - convidou Danilo - O bonito é lá no outra. Coragem, Mário!

A garganta ia se alargando cada vez mais. Aqui teria uns dez metros. Não há mais árvores grandes por perto. Apenas os carás. Estes andam em toda a parte, até metidos nos paredões. A gente não pode saber como conseguem vegetar ali.

- Que lindas e grandes folhagens, Danilo! Que é isto?

- Aqui chamam de aboboreira do mato. Mas o nome é *Gunnera manicata*. Lá mais abaixo, vamos encontrar algumas com folhas de quase dois metros de diâmetro. A coisa mais linda! Parece urtigão. Mas pode pegar, veja. Não espinha. O botânico Raulino Reitz, que andou por aqui já faz uns dez anos, com o Pe. Balduíno Rambo, o cientista que principiou a divulgar a maravilha do Taimbezinho, diz que esta espécie de *Gunnera manicata* só se encontra aqui no Taimbezinho e ao longo dos Aparados.

Reitz - prosseguiu Danilo - descobriu outra espécie, muito pequena, lá nas praias do Sombrio. Tem apenas dois centímetros de altura, e as folhas, um centímetro de diâmetro... Um companheiro deste cientista levou mudas do urtigão grande a Porto Alegre e vendeu a 25 mil cruzeiros cada uma. Naquele tempo, faz uns quinze anos. Quer dizer, Mário, que no Brasil crescem as *Gunnera* maiores e menores do mundo.



A descida vai continuar. Os rapazes às vezes caminham de frente, outras de costas, agarrando-se em pontas de pedras, em varas de carás. Mário escorregou de novo, dando tremenda sentada na pedra, enlameando os fundilhos.

- Como é que você não cai, Danilo? Até me dá raiva. Só eu.

Agora ouvia-se um rugido surdo lá abaixo. Era a segunda cascata, a do rio Perdiz, que já haviam apreciado no dia anterior, lá do alto.

Mário, cansado de carregar a corda, deitou-a morro abaixo. Foi cair perto de Danilo, que ia longe e levou um susto.

Mais dez minutos de ginástica, e a grande cascata da Perdiz apareceu à direita. Lá abaixo via-se também o poço onde se projetava a água, levantando neblina.

Trepavam sobre enorme pedra, que servia de miradouro. Ficaram uns minutos olhando para o alto e olhando para baixo. Depois Danilo falou:

- Você fica aí, que, eu vou bater uma foto.

Danilo encostou-se ao paredão. Mário fez uma pose cinematográfica, olhando para o alto, de braços abertos.

Sentaram mais adiante e ficaram contemplando a maravilha e comendo pastéis, pois a fome batera.

O poço, formado pela queda da água, abria-se entre enormes calhaus, que a neblina banhava e deixava lisos como sabão.

Caindo, a água levantava um nevoeiro e uma ventania horrível, tornando quase impossível a permanência nas

proximidades do poço. Mas a garganta alarga-se aqui numa curva e, bem defronte à cascata, escancara uma furna, na curva. Para lá se dirigiram os moços. Estavam ali ao abrigo da ventania e da chuva. Mas o barulho era ensurdecedor.

- Que é que parece este barulho?

- Parece avião a jato, quando levanta voo. Barulho que vem a golpes.

- Mas repare só que maravilha o água que cai lá de cima. Parece que vem em cima da gente.

- São 220 metros de tombo. Um tombo só. Repare como a água abriu aquela fenda que vimos ontem, lá de fora.

Metidos no lúgubre antro, estreito e profundo, de onde mal aparecia uma nesga do céu lá no alto, os rapazes ficaram contemplando aquela estonteante maravilha de algodão, desfiando-se a cantar pelo negro penhasco, enquanto misterioso estrondo rugia sinistramente a seus pés...

As águas do rio saltam da planura do pampa, repartem-se em duas brancas colunas e despencam-se verticalmente, atroando os ares. O braço direito, largo lençol franjado, a meio caminho, precipita-se em pequenos degraus, gemendo, espirrando. O poema líquido, de arminho, mugindo na carranca encarquilhada do basalto, empolga e arrebatada. Apetecia permanecer horas admirando o fantástico prodígio da natureza.



## **18-SEGUNDA ETAPA DA DESCIDA**

Os rapazes vão agora atravessar o ponto mais crítico do misterioso labirinto. Vão transpor o poço. No lado esquerdo, as grandes pedras quase impossibilitam o avanço, pois estão lisas como sabão. O melhor mesmo é meter-se pela água, afoitamente.

É necessário andar de quatro, para não escorregar e cair. A ventania é horrível; o nevoeiro medonho. Mário tirou os óculos, completamente embaciados. A camisa, literalmente molhada.

A maravilha, que até há pouco os encantava, agora começa a inquietar, começa a dar raiva.

- Danilo, eu vou largar a corda aqui. Não faz mais falta, pois não? É um peso bruto e incômodo!

Pés descalços, calças arregaçadas, principiam a gatinhar pois sobre pedrões extremamente escorregadios. Um perigo mortal! Se por acaso resvalarem, vão cair lá embaixo sobre pontas de pedras. Mas parece que Deus ia mesmo com os rapazes, protegendo-os contra todos os perigos.

A itaipava, entre o poço e a cachoeira, logo abaixo, serviu de trampolim. Cortaram o nó górdio da passagem, sempre sob o nevoeiro gelado, impetuoso, castigando.

Enfim, estão do outro lado do rio, ao abrigo da neblina e da ventania. Findou a grande descida. Agora torna-se mais fácil caminhar. Apesar disso, o pobre do Mário caiu mais uma vez, sentado sobre uma laje, machucando a outra mão, ao tentar amainar a queda.

- É uma barbaridade! - exclamou - Sabe que me dá vontade de voltar?

- Não diga isso, rapaz! O pior já passou, e o mais bonito vem agora. Coragem! Depois do difícil, vem o bom!

Outras vezes ainda, Mário se lastimava de haver aceito aquela incrível aventura. Volta e meia, Entretanto, diante, dos novos encantos e surpresas que surgiam, entusiasmava-se e gritava feliz:

- Não, Danilo, você tem razão: Vale a pena vir do fim do mundo só para ver isto! É uma aventura de loucos! Creio que não há outros que nos imitem. Será que já desceu alguém aqui, Danilo?

- Desceu. Uma vez um grupo de estudantes de Engenharia, de Porto Alegre, vieram aqui partindo de baixo, em sentido contrário ao nosso. O Pe. Balduino Rambo viveu aqui uma aventura inesquecível. Veio com dois rapazes. E quando estava lá abaixo, principiou a chover. Choveu tanto, que deu enchente. Foi impossível voltar, pois ele não sabia nadar. Os rapazes então voltaram para buscar algum meio de salvamento, enquanto o cientista lá permaneceu sozinho, durante 48 horas. Quase morreu!

- E depois?

- Os rapazes voltaram com uma corda, com a qual puderam puxar o jesuíta, que assim atravessou os grandes poços.

- Que tragédia, Danilo! E se acontecer a mesma coisa conosco, hem?

- Não pode acontecer. Nós sabemos nadar.





Ao meio dia os rapazes estavam ao pé da cascata da Preá, onde pararam a fim de descansar e comer. Reanimados e reconfortados com alimento, deram de pular sobre as pedras como cabritos.

À altura do promontório e da canaleta, o desfiladeiro media uns 50 metros de largura e uns 300 de profundidade. Ao pé da cascata, numa curva, é onde o Taimbezinho apresenta o ponto culminante em largura.

Findara, enfim, aquele aperto horrível, entre os muralhões de pedra. Muralhões que agora medem uns 500 metros de altura vertical. Havia mais luz, mais claridade, que fazia vibrar o ânimo dos dois aventureiros.

O desfiladeiro, mudando de direção, dobra para a esquerda, rumo sul. Forma uma grande reta, larga. À esquerda do rio, trechos de mata, agora via-se bem que era mata grande, como as outras matas de fora do Taimbezinho.

O arroio da Preá veio engrossar o rio do Boi, que desce tumultuoso, pulando de queda em queda, aprofundando rapidamente o monstruoso abismo.

Olhando para o frente, o cânhão aparece sem saída, porque lá embaixo dobra mais uma vez para a esquerda, fechando a frente. É justamente no ponto mais estreito e profundo. É lá que os rapazes querem chegar, sem demora. Lá é o fim da sua aventura. O coroamento de sua homérica escalada de alpinistas.

Os pinheiros das beiradas, lá no alto, fora, vistos cá de baixo, parecem de brinquedo. Parecem pinheirinhos de três metros. Lá no abismo não há pinheiro algum. Diz, Danilo:

- Veja, Mário, aqui não existe um só pinheiro. O pinheiro é orgulhoso e soberbo, só quer andar nas alturas, onde enfrenta, de peito aberto, as fúrias do minuano. Não suporta viver oprimido e acanhado nestas profundezas.

Por volta das três horas, os rapazes tornam-se espectadores de curioso fenômeno. Começou a formar-se a cerração dentro do Taimbezinho. Mais ou menos, a cem metros de altura, nuvens brancas deram de construir um teto para o abismo. Em poucos instantes, não se via nesga de céu, nem os contornos do canhão. Um espetáculo nunca visto, deslumbrador, truculento, alucinante, que deixou os rapazes quase loucos de vibração.

- Danilo, será que alguém neste mundo já viu coisa igual?

- Muito pouca gente, Mário. Muito pouca. Nós somos os felizardos. Mas você ainda não viu nada. Tem coisa melhor pela frente.

- Não pode. Danilo, depois disto, só mesmo o céu!

- Pois é, Mário, você vai ver o céu aqui dentro do Taimbezinho... Mas sabe de uma coisa, rapaz? A cerração anuncia alguma coisa.

- O quê?

- Chuva. Vamos ter água hoje!

- Não faz, mal, não é? Agora pode chover.

- Mas primeiro devemos chegar lá na curva. Vamos andando!

## **19-A CHUVA**

Caminharam apressadamente, pulando pedras, esgueirando-se sob galhos de árvores, por vezes, caindo. Encontravam-se já perto da curva, quando roncou o trovão.

- Viu? A chuva vem aí.

- Não há de ser nada. Olhe ali aquela furna. Boa casa para nos abrigar. Vamos depressa!

Chegaram ao itararé. A água sumira-se para reaparecer longe. O desfiladeiro estreitou-se de modo surpreendente. A profundidade aqui é de uns setecentos metros.

Não fosse a sedução do desconhecido, que ignora os perigos, aquela pavorosa prisão, entre ciclópicos muralhões, podia matar de medo os dois rapazes. Mas eles não viam nada. Para eles, tudo era fascinante, maravilhoso: o abismo profundo, agora bastante escuro, fechado como estava pela cerração, o isolamento, a chuva iminente. Tudo, tudo os empolgava mais e mais.

Estavam justamente no lugar mais estreito, quando roncou o segundo trovão, mais forte e mais prolongado que o primeiro.

- Mário, vamos voltar depressa! Vamos até a furna antes que chova.

Voltaram e meteram-se na gruta, que se abria ao sopé do paredão do poente. Mal deu tempo de chegar. A chuva entrou a cair devagar, para em seguida aumentar assustadoramente, com grossos trovões. Passados poucos minutos, o teto branco

desapareceu, deixando entrever as borlas do grotão, em cima, coroadas de mata, para as bandas do Este, em frente.

O chão arenoso, limpo, seco, era um convite para quem chegava tão cansado. Deitaram, soltando fundo suspiro de alívio:

- Agora pode chover uma semana! - exclamou Mário.

Ele vinha com as pernas doidas, literalmente protrado:

- Danilo, desabafou ele - esta chuva foi providencial. Eu não aguento mais. Nem pensar em voltar hoje. Impossível! Eu cairia morto sobre as pedras.

- Aqui estamos em casa. Um bom acampamento. Não foi preciso trazer barraca. Agora vamos juntar lenha e fazer fogo.

Perto, estreita restinga de mato brindava troncos caídos de boa madeira. Danilo juntou gravetos, cavaquinhos e acendeu o fogo, enquanto Mário, molhando-se à chuva, arrastava galhos secos.

O fogo estralejou, botando línguas sangrentas. Danilo achegou pedaços de lenha molhada. Depois colocou o pé direito sobre os galhos, para enxugar as calças ao calor da fogueira.

Mário sentou-se perto do fogo, esquentando-se e secando a roupa, que vinha molhada desde a manhã.

- Estou morto de cansaço e de fome! Vou comer o resto dos pastéis.

Ambos comeram, animando-se logo com uma sensação de bem-estar, após um dia de tanta canseira. A chuva, sempre açoitada por fortes trovões, caía torrencialmente, recortando-se contra a brancura dos muralhões, que tapavam quase completamente o firmamento.



## **20-INQUIETAÇÃO DE MÁRIO**

Mário deitou-se de costas, as mãos debaixo da nuca. Dormiu um pouco. Acordou e ficou pensativo. Depois disse:

- Danilo, você não pensa em nada?

- Eu não. Por quê?

- Eu estou numa aflição terrível. Estão pensando na desgraça que nos aconteceu.

- Que desgraça?

- De passar a noite aqui.

- Aqui estamos seguros. Ao abrigo da chuva, rapaz.

- Não me refiro a isso. Eu estou aflito por não poder sair daqui hoje.

- Que remédio? Choveu. Não temos culpa. Eu acho até que foi providencial. Mesmo que não chovesse, a gente não sairia hoje. Eu não imaginava que fosse tão difícil. Mas não há de ser nada. Amanhã estaremos descansados. Decerto vai parar de chover. Então poderemos voltar para casa.

- Mas eu penso nos de casa. Que dirá minha gente, se eu não voltar logo?

- Ora, Mário, não se preocupe. Lá em casa todos me conhecem muito bem. Se os pais deixaram que você viesse comigo, é por que eles têm confiança em mim. E se eles por acaso pensarem nalgum acidente, ficarão muito satisfeitos, quando nos virem chegar sãos e salvos, e ainda trazendo os louros de uma

sensacional aventura, como soldados que retornam vitoriosos do campo de batalha.

- É verdade, Danilo.

- Você então não sabe, Mário, que esta nossa façanha ainda nos poderá tornar celebres? Ela pode vir a ser cantada em prosa e verso...

Mário estava encantado com o otimismo do colega, com suas palavras animadoras. Distraído com o que Danilo dizia, chegou a queimar as calças na fogueira. Deu um pulo e concordou:

- Boa, Danilo! Estou gostando. Você é o melhor companheiro do mundo!

- Então você não viu o que aconteceu quando o jipe encencou? Santo Antônio veio logo em nosso auxílio. Será que agora nos vai abandonar aqui neste abismo, antes de concluirmos nossa missão?

- Creio que não.

- Então por que havemos de nos afligir? Sossegue, que Deus é grande e meu santo é forte.

## **21-A NOITE NO ABISMO**

A tarde ia caindo. A chuva, tombando sempre mais forte. Aquela música fluvial era um convite para o sono dos moços cansados. Ambos adormeceram.

Danilo acordou pouco depois, as costas doídas pelo duro leito. Colocou lenha no fogo. Deitou-se outra vez. Pensou no pai, que o esperava naquele dia. Mas não se afligia. Mário continuava ressonando, feliz.

Extinto o fogo, o frio acordou a Mário. Estremunhado, gritou:

- Danilo!

- Que há?

Soltou uma gargalhada, ao ver o susto do companheiro. Fora, a claridade ia se extinguindo lentamente.

- Estou com as pernas doídas, doídas - queixou-se Mário. - Creio que vou levar um mês para me refazer.

- Que nada! Amanhã estará bom para a volta. E, se chover, melhor para você. Descansará mais.

- E a comida? Já estou outra vez com fome. Os pastéis já se acabaram.

- Temos pão, queijo, salame. E amanhã teremos peixe. Depois desta chuvarada, os peixes vão pulular no rio. Eu tenho anzol. Se tivesse isca, iria pescar ainda esta noite.





Comeram. Daí a pouco, a noite surgiu negra, negra, sem luar, ao som lúgubre da tormenta rugidora e do estrondo do rio encachoeirado. Bateram um papo e depois Danilo convidou:

- Agora vamos dormir. Quem acorda, coloca lenha no fogo. Não podemos dormir com o fogo apagado. Não só por causa do frio, mas, principalmente, pelos bichos.

- Então aqui neste buraco vai ter algum bicho?
- Pelo menos o graxaim virá tentar roer nossos sapatos.
- Graxaim gosta de sapato?
- Gosta de couro. Mas vamos dormir.

Caíram logo no sono, embalados pela cantilena da chuva e do rumor do rio. Quando o fogo apagava, vinha o frio acordar alguém para repor a lenha sobre as brasas. Despertaram várias vezes. Grilos, rãs, sapos cantando a sua canção. E se houvesse alguma cobra, Mário? Mas ele não pensou em cobra. Tratou mais foi de dormir regaladamente.

Ao clarear do dia, Danilo abriu os olhos e chamou o colega, que ainda roncava:

- Vamos embora, dorminhoco!
- A chuva já parou?
- Parou nada. Olhe só para o rio. Repare que enorme volume d'água. Um dilúvio! Enchente das grandes! Cobriu todo o praial do Itararé. Não se vê uma pedra.
- E agora, Danilo?

- A chuva estragou outra vez a festa da Uva. Hoje é domingo. O corso não pode sair. Bom, para nós não adiantava mesmo. Perdemos o dia.

- Mas não vamos sair daqui hoje, hem?

- Nem é bom falar!

- E a boia?

- Temos uns restos aqui. E eu já vou principiar a pescaria. Tenho só um anzol. Vamos procurar minhocas.

De calção, desceram para perto do rio. Revirando pedra, encontraram uma minhoca. Danilo cortou uma vara de cará e nela amarrou a linha do anzol. Iscou e jogou na água negra do poço.

Volvido um minuto, o pescador começou a sentir na mão a agradável sensação da vara que treme. Disse baixinho:

- Está beliscando.

E a linha disparou. Rápido safanão e um grito uníssonos. Era um jundiá, barrigudo, de imensos bigodes.

- Ora, viva o pescador!

- Mário, vamos enjoar de tanto peixe!

Deitou outra vez o anzol. Desta vez nem deu sinal. A linha saiu logo correndo. E - bumba! - outro jundiá, bem maior.

- Eu sabia, Mário. Jundiá vive no meio das pedras. E aqui, pelo jeito, até hoje ninguém pescou.

- Vamos ver outro.

Mário cortou um raminho e fez com fez um pendurilho.

- Já vem outro.

E veio mesmo. Um grandão. Desprende-se do anzol, porém Mário meteu-lhe a faca, antes que caísse na água, dizendo: Tome, engraçado! Queria escapar, hem?

- Mário, agora vou pegar um tubarão.

Demorou um pouco, mas veio um filhote de bagre.

- Mixaria! Eu quero mais é um tubarão ou uma baleia.

Dez minutos de espera. E veio um jundiá zote de cem gramas.

- Não pode. Eu quero de quilo.

O puxão foi grande, mas não saiu nada. Logo depois, outro puxão e nada. Danilo, querendo então fisgar bem, deu forte puxão na linha. Mas - ó desgraça! - rompeu-se a linha! Rompeu-se a linha...

- Barbaridade! Eu estava meio desconfiado. A sorte era demais.

- Mas já deu para hoje, não é, Danilo? Café, almoço e janta... E depois?

- Depois? Depois, Mário, Deus dará um jeito.

## **22-ENIGMA ATORMENTADOR**

Limparam os peixes. Fizeram fogo. Mário espetou o jundiá maior, pondo-o a assar.

- Mas e o sal, Danilo?

- Não temos sal. Mas eu vou dar um jeito. Sapecamos o salame e fazemos pingar a graxa salgada sobre o peixe.

- Ótima ideia! Nós somos uns artistas! Os maiores cozinheiros do mundo! Quem já pensou em salgar peixe com graxa de linguiça?

Ficou uma gostosura! Era de ver como os moços se lambiam! Entretanto, a chuva, que havia parado, recomeçou agora ainda mais forte.

- Sabe, Mário, que é capaz de chover durante uma semana. Foi pena perder o anzol.

- É verdade. E agora?

- Bom, se não parar de chover, vamos embora assim mesmo.

- De que jeito? Como é que a gente vai passar aqueles poços grandes? Foi uma luta vir para cá ontem com água baixinha. Que dirá agora?

- A nado, Mário. Passamos nadando. Estragamos os filmes, a máquina, molhamos a roupa, tudo, mas salvamos a pele.

- A nado, Danilo?

- Claro. Então você não sabe nadar?
- Saber eu sei um pouco. Mas aqui nesse rio caudaloso, quem é que pode nadar?
- Ah, eu nado. E não tenho medo. E você?
- Ah, eu tenho medo! Não me arrisco. Nem fale.
- Escute, Mário, você sabe nadar de verdade?
- Sei muito pouco.
- Quem sabe um pouco, sabe muito. Então você não vai todos os anos à praia? Você não nada no mar?
- Pois é. Eu sei pular as ondas; eu nado um pouco no mar. Lá é fácil.
- Eu compreendi tudo, Mário. Você não sabe nadar nada. Não nada nada!
- Ora não nado nada!
- Então vamos lá. Vamos experimentar no poço. Quem sabe, tiramos o anzol.
- Deus me livre!
- Viu? Você não sabe, tá legal?
- Deixe de chatear, Danilo.
- Está bem. Não falemos mais em nadar com quem não nada nada. Vamos mudar de assunto. Passe um cigarro. Eu terminei os meus.
- Eu só tenho um miserável.
- Então me dê metade.



Mário cortou o cigarro com a faca. E ambos deram cabo do último cigarro. Que tristeza!

Danilo deitou-se de costas, fumando. Mário também. Ficou olhando para o alto da forna.

- Olhe lá um balão de abelhas. Vamos tirar o mel.

- É lechiguana, rapaz. Não toque naquilo.

- Por quê?

- São brabas, pior que marimbondo!

- E tem mel?

- Mel muito bom. Mas não invente bulir com lechiguana. Aí ninguém para mais aqui... Você sabe como o lagarto tira mel de lechiguana? Lechiguana dá muito pelo chão, no campo. O lagarto chega correndo. Empina, vira cambota, e, lepte, uma valente rabanada. Depois dispara de cola erguida. Lambe o mel na cauda. Volta e repete a manobra. Repete até que as vespas desaparecem. Aí ele se mete no cortiço e lambe todo o mel.

Ao meio-dia, assaram mais dois peixes, ficando os demais para o jantar. A chuva parava e recomeçava, parava e recomeçava o que deu o dia. O rio cada vez mais alto. As horas desfilando lentas e tristes. Aqueles penhascos, aqueles muralhões, antes tão admiráveis, causavam nojo agora.

Mário já andava bem azedo. De vez em quando, sentia vontade de ralhar com o companheiro. Perguntar-lhe se tinha juízo. Onde se viu levar-me aqui, até este fim de mundo? Neste inferno onde o diabo perdeu as botas! Condenar-me a morrer neste labirinto intransponível, onde nem os corvos encontrarão nossos corpos! Onde já se viu tamanha loucura, hem? Deixa estar. Se



amanhã não parar de chover, eu vou dizer-lhe umas verdades. Ah, vou mesmo!

Danilo vinha notando a perda de moral do colega, a depressão de espírito. Quase não conversava. Respondia por monossílabos, secamente. Às vezes, meio áspero.

No jantar comeram os últimos restos do alimento: os dois peixinhos, queijo e salame. O pão já se acabara no almoço.

Deitaram com pouca conversa. Mário levou horas acordado, ruminando um repertório de desaforos para o companheiro no dia seguinte.

Danilo previa a tormenta. Duas tormentas. Uma pior que a outra. Entretanto, não desanimou. Estava sossegado, confiante. Orou a Santo Antônio, prometendo-lhe outra missa. Não era para ele. Era por causa do Mário. A ocasião não podia ser mais azada para falar-lhe ao coração. Que Deus preparasse o caminho. Mário precisava ouvir umas verdades, pois ultimamente andava meio transviado, metido com maus companheiros. Quem sabe, três dias nesta solidão, Deus poderá falar ao seu coração, neste recanto de maravilhas, embora no meio de relâmpagos, trovões e chuvaradas...



## **23-A BRIGA**

Mário acordou cedo. Ficou pensando: hoje é segunda-feira. Hoje começam as aulas. E eu aqui, prisioneiro do abismo! O que pensará o pai? E a mãe? Coitada! O que dirá? Tudo por causa do Danilo. Mas hoje ele vai me pagar. Deixa clarear o dia...

Continuou durante meia hora a ruminar sinistros pensamentos, enquanto o companheiro dormia. Já não chovia. A manhã nasceu clara, serena. Apenas o rumor do rio, martelando os ouvidos. As águas só haviam subido mais de meio metro. Sair daqui hoje? Nem pensar. Nem hoje, nem amanhã.

Danilo despertou, dizendo:

- Bom dia, Mário.

- Vamos ver que de Bom o dia nos trará hoje!

- Hoje vai ser o melhor dia.

- Oh, com certeza! Um dia maravilhoso! O dia mais lindo da vida!

- Isso mesmo, o dia mais lindo da vida, Mário! Você ainda não viu nada.

- Pois é. Não vi nada. Vou ver hoje. Vou ver tudo. Sem um bocado de pão.

- Nem só de pão vive o homem...

- Pronto, já vem você com suas carlices.





- Então você esta com medo de morrer de fome? O homem pode passar trinta dias sem comer.

- Sim. Eu quero ver você passar três dias sem comer, e depois sair daqui galgando aquelas pedras e aquelas montanhas.

- Sairemos, se Deus quiser. Não seja descrente, Mário.

- Eu já ando farto de beatices, ouviu? Agora só falta ver a força do seu

- Ah, é assim?

- Não, não é assim. Como vai ser então? Você vai operar hoje aqui o milagre do deserto. Vai multiplicar os pães e os peixes. Vamos comer até arrebentar, e ainda ficarão sobrando doze cestos. Oh, beleza!

- Mário!...

- Eu nunca vi milagre. Mas hoje vou ver. Grandes milagres. Quá, quá, quá.

- Escute uma coisa, Mário. Se nós estamos aqui, é por sua causa, está legal?

- Por minha causa? Essa é boa!

- Sim senhor! Por sua causa! Se você tivesse coragem, se você soubesse nadar, nós teríamos ido embora ainda ontem. E por que você não trouxe a corda?

- A corda? Para que a corda?

- Se tivéssemos a corda, eu ia nadando e puxava você quando fosse preciso.

- Ah, então nós não saímos daqui por minha causa?

- Sim, senhor! Por sua causa! Se eu quisesse, ia, embora agora mesmo, sozinho, e deixava você aqui. Eu não tenho medo de enfrentar a fúria das águas.

- Bonito! Então eu, porque não sei nadar, sou o responsável por esta tragédia?

- Muito pior, Mário! Foi você que provocou toda esta enchente. Você é a ovelha negra deste passeio. Você é o boi corneta que põe tudo a perder...

- Eu? Como então?

- Você está com a alma negra. Só assim se explica a nossa desgraça. E se você não aproveitar esta hora da graça, nós não sairemos daqui. Nem eu nem você. Ou você se arrepende, ou você deixa de ser blasfemo, de zombar de Deus, ou nós não sairemos daqui. Está legal? Eu sozinho não faço nada. Você está neutralizando o meu trabalho. Você precisa colaborar. Você precisa ter confiança em Deus. Ter fé. Se você não tiver fé, tudo estará perdido!

- Então eu sou culpado de toda esta calamidade? - perguntou Mário, com certa calma, sentindo que o companheiro tinha razão.

- Não é bem assim, Mário. Eu estou exagerando. Quero dizer que você deve mudar de pensamento. Deve crer firmemente que Deus virá em nosso auxílio.

Mário calou-se, pensativo, derrotado. Danilo levantou-se. Desceu para perto do rio, o pensamento voltado para uma solução imediata. Balbuciou uma prece. E disse consigo: Não há de ser nada! Deus dará um jeito.

Principiou a soprar um vento frio, vindo do Sul. Súbito, o sol brilhou no alto. Uma alegria imensa sacudiu-lhe a alma. Gritou:

- Mário. Venha ver o sol! Hoje vai ser o dia mais lindo, como não?

O rapaz não levantou. Continuou como absorto em fundas considerações. Sentia que Danilo tinha razão. Suas palavras o haviam abalado. Haviam dito a verdade, toda a verdade. Ele tinha razão. E Mário já se arrependeu das blasfêmias. E mal se arrependeu, não é que o sol brilhou? Aí está a prova de que Danilo tinha razão. Eu preciso não só me arrepender das blasfêmias, mas preciso me converter, mudar de vida...



## **24-LUZ NO ABISMO**

Mário levantou-se, o passo trepidante, desceu para junto do companheiro.

- Escute, Danilo, vamos nos entender. Quero que você me conte uma coisa: Como foi que você criou este estado de espírito? Como lhe veio tanta confiança, tanta fé em Deus, tanto otimismo?

Danilo soltou um suspiro. E sorrindo:

- É como lhe disse. Eu andava numa angústia tremenda. Eu começava a transviar-me, seguindo o exemplo de uns companheiros perversos. Refletindo seriamente, eu vi que não podia continuar daquela maneira, sob pena, quem sabe, de ir parar na cadeia. Eu vi que não podia seguir naquele indiferentismo espiritual, quase materialismo. Os indiferentes Dante colocou na boca do inferno, porque para eles não há lugar no céu e nem no inferno.

E prosseguindo, disse Danilo: Os Irmãos lá do Colégio me convidaram para tomar parte no retiro. Eu aceitei. O retiro foi um toque de fanfarra que pôs meu coração em fogo. E triunfei. Estou feliz. Imensamente feliz.

- Danilo, eu sinto que devo seguir o exemplo de você. Sou um desgraçado, descrente, materialista, blasfemo, eu quero mudar de vida. Eu prometo. Juro! Ando mortinho por sair daqui e cair aos pés de um confessor.

- Você vai ver. Mário, que a vida se modifica como por encanto. Você vai sentir-se feliz. Depois, aconteça o que acontecer, estará sempre contente, feliz.

- Deus o ouça, Danilo.

– Eu posso afiançar que Deus virá em nosso auxílio ainda hoje. Isto porque você agora está cooperando. A fé, Mário, é algo extraordinário!

Mário estava impressionado, comovido e contente. Sentou-se sobre uma pedra. Colocou a cabeça entre as mãos. Com a fraqueza em que se encontrava e com a graça trabalhando dentro dele sentiu vontade de chorar.

Danilo deixou-o a sós. Afastou-se. Orou, pedindo a Deus e a Santo Antônio que o não desamparassem naquela hora, a hora da graça...



## **25-UM BOI**

O sol empinou-se lá no alto, banhando de claridade e calor o abismo e espelhando-se nas águas grossas e negras do rio. Caiu em cheio sobre Mário, acendendo-lhe a alma de luz e esperança.

Aquele bendito sol, dissipando as nuvens do céu, varria as trevas do espírito, confirmando cabalmente as declarações do colega. Em seguida, Mário foi para a furna. Deitou-se de costas e mergulhou em funda meditação. Sim, Danilo deve ter razão. Eu preciso mudar de vida. Preciso deixar de fazer troça das coisas de Deus...

Danilo daí o pouco, vendo a prostração do colega, foi sentar perto. Foi falando com bondade, como a desculpar-se por haver sido ríspido, estúpido para ele:

- Mário, eu vou me explicar, você não é culpado desta tragédia, sabe? Pelo contrário, acho até que você tem merecimentos, esta enchente deve ser um convite, uma mensagem, uma graça. Sabe, quando a mãe ou a namorada vem às ocultas, por trás, e prega-nos um susto e depois nos abraça, não é verdade que o abraço é mais gostoso? Pois é assim: na contrariedade e no silêncio. Deus fala ao coração, e nos abençoa.

Danilo a seguir espichou a mão entre as ervas rasteiras e colheu um raminho bipartido:

- Olhe, Mário, vamos brincar de tirar a sorte. Quem ficar com a hastezinha maior, será o culpado desta enchente.

- Ah, vai tocar para mim, sem dúvida.



Puxaram. Caiu mesmo para Mário.

- Eu não disse?

- Não vale. Vamos tirar de novo.

Tiraram, caiu para o Mário.

- Outra vez?

- Não é possível! Vamos ver mais uma vez só.

Danilo escolheu um raminho maior. Tiraram

- De, novo para mim. Não, Danilo, depois desta...

- Não é nada, Mário. Escute, você conhece a história do profeta Jonas, da Bíblia?

- Conheço. Ficou três dias no ventre da baleia.

- Eu e você, Mário, vamos ficar três dias no bojo do Taimbezinho.

- Com a diferença de que Jonas era inocente, e eu culpado...

- Você é um amor, Mário. Você vai ser grande na vida.

A conversa brincalhona, divertida, prosseguiu até meio dia em ponto.

- Meio-dia! Não está com fome. Mário?

- Não. Quer dizer, estou com muita fome, mas não faz mal. Sofro com prazer. Sei que Nosso Senhor nos ajudará a resistir.

- É claro. Quando a fome for insuportável, Deus nos enviará alimento, como fazia para as anacoretas do deserto.



Mal Danilo acabará de proferir estas palavras, ouviu-se um estrondo fortíssimo, que reboou pelo abismo. Parecia que tivesse desmoronado um rochedo.

- Nossa! Que foi?
- Caiu enorme pedra. Creio que foi isso.
- Foi aqui perto. Vamos ver.
- Espere um pouco. Pode ser que caiam outras.

Mas não se ouviu mais ruído algum. Saíram então, o coração em sobressalto. Caminharam através da restinga, molhando a roupa, tropeçando em pedras.

- Foi por aqui.
- Não, deve ter sido mais adiante.

Caminharam mais uns vinte metros, abeirando-se do paredão. Danilo, que ia na frente, súbito exclama:

- Um boi, Mário! Caiu um boi!
- Não diga!
- Coitado! Caiu em cima das árvores e quebrou-se todo.
- É mesmo! Um boi!
- Decerto foi comer o cará na beirada do taimbé e caiu, como acontece tantas vezes. Está pra nós, Mário. Que churrasco, hem?
- Danilo do céu! Foi um milagre! Bem que você dizia. Foi Deus que mandou. Para falar a verdade, eu não podia mais de tanta fome, sinto até água na boca.



Examinaram o horrível estado em que ficara o pobre animal. Estraçalhado, num poço de sangue.

- Sorte que caiu em cima das árvores, que amaciaram a queda. Se caísse sobre as pedras, não se aproveitava nada. Mas vamos, mãos à obra. Você Mário, prepare o fogo, que eu arranjo os espetos. Vamos assar o churrasco. Este churrasco foi fácil. Nem precisou matar o boi.

Mário, numa festa incrível, cobrou forças. Agarrou com violência quatro galhos secos e molhados. Amontoou ali perto. O fogo custou pegar. Depois o rapaz arrastou mais lenha, afobadamente, tropeçando. Foi ajudar o companheiro a limpar a carne.

Era um lindo boi Devon, muito gordo. A queda, entre grandes forquilhas das árvores, dividira-o em tiras e pedaços.

Danilo já havia escolhido dois pedaços de matambre, dependendo-os do conto. Espetaram. E sem mesmo esperar pelo braseiro, aproximaram das chamas. Mário agarrou uma vara de cará. Enfiou nela um pedacinho de carne. E, segurando com a mão, achegou às chamas. Sapecou num instante. E já lhe meteu os dentes, o esganado.

- Hum, que gostosura!
- Sem sal?
- A fome é o melhor tempero.

Passados poucos minutos, Danilo também dava talhos na carne quente. Mário pegou-lhe da faca. E dá de cortar. E vá de comer.



- Nossa, que esganado! Devagar, moço! É capaz de fazer mal assim depressa.

- Fome canina!... Sabe, Danilo, que foi mesmo um milagre?

- Que milagre!

- Cair o boi aqui.

- Quem foi que falou em milagre?

- Fui eu, mas foi pura caçoar. Deus me perdoe.

- Então você acha que foi milagre?

- Claro que foi.

- Já caiu tanto boi neste grotão.

- Mas este foi expressamente para nós, Danilo. Foi Deus que mandou.

- E quem foi que disse que iam sobrar doze cestos de comida?

- Fui eu. Foi uma blasfêmia. Mas vai sobrar muito mais, muito mais.

- Então, Mário, que achou?

- Ai, Danilo do céu, sinto até vontade de chorar. Como Deus foi bom! Quero que Ele e você me perdoem os desaforos que disse. Veja como você tinha razão. Mal me arrependi, tudo principiou a melhorar.

- Agora, não chovendo mais, podemos retornar para casa.

- Não. Não chove mais. Tenho certeza.





## **26-PREPARATIVOS DE RETORNO**

Comeram regaladamente. Depois sentaram sobre pedras, tomando sol. Um sol quente e gostoso! Ambos sentiam-se tão bem agora!

- Como a gente não vale nada de barriga vazia, não é? Agora é que a gente nota.

- Agora, Mário, temos serviço por toda a tarde.

- Que serviço?

- Preparar a viagem de regresso. Assar carne para levar. Podemos até trançar um laço.

- Laço para quê?

- Se a água não deixar depressa, com o laço eu puxo você. Me dê a faca.

E Danilo começou logo a separar pedaços de carne, a tirar o couro, falando:

- O laço é obrigado a ter muitas emendas. Não faz mal.

- Você sabe trançar laço, Danilo?

- Claro que sei.

- Mas veja, agora a gente vê como os ossos ficaram partidos.

- A sorte foi ter caído em cima das árvores.

- Veja como Deus ajeitou bem as coisas. Até nisso ajudou.



- Agora você vê, não é? Antes não via nada.

- É que agora sou outra pessoa. Sou outro Mário. O Mário novo. O Mário velho já morreu como este boi. Morreu no fundo deste abismo.

E o trabalho não parou num instante, durante toda a tarde. Volta e meia, os rapazes saboreavam um naco de carne assada. Havia sempre espetos assando ao brasido.

Ao cair da tarde, levaram alguns espetos assados para a furna. Dependuraram pedaços de carne verde, para tomar ar e ficar a salvo do graxaim.

- Você vai ver como amanhã os corvos vêm bater aqui.

- Os corvos ainda não, mas o graxaim.

Ao anoitecer, as águas haviam baixado sensivelmente. No céu, nem uma nuvem.

Juntaram muita lenha. E a fogueira ardeu a noite inteira. Foi uma noite muito fria. Não fosse aquele fogo, ninguém dormiria. Dormiram como justos. De manhã, sentiam-se bem dispostos. Até a dor das pernas havia passado.

Terça-feira, dia sete, amanheceu maravilhosa. Um sol esplêndido, apesar do frio. Assaram mais um espeto para comer quentinho. E agora toca a trançar o laço. Mário ajudava a passar sebo nos tentos, a segurar uma extremidade do laço.

O trabalho decorreu alegre, cantando. Mário cantava: *Marina, Marina, Marina...* E depois: *Me dá um dinheiro aí...* Danilo emendava: *Me dá um cigarro aí...*

- Como faz falta um cigarrinho, não é?

- Mas amanhã vamos fumar bastante. Mas você, Mário, não vai fumar demais. O cigarro serve para compensar de muito recalque. Mas agora você está curado, não é?

- Eu, Danilo, tenho pressa não é para comprar cigarro e fumar. Eu não vejo a hora de chegar em casa, só para me confessar. Uma confissão geral com Frei Antônio de Caxias.

A seguir, não resistindo à vontade louca de desabafar, contou ao amigo a dolorosa história de sua vida ultimamente. As suas loucuras junto com maus companheiros.

- Agora, Danilo, me sinto tão diferente, leve, tranquilo, feliz!

Danilo gozava aquele triunfo do colega. Era justamente isto que ele queria: Dizer umas verdades e tentar reconduzir o amigo ao bom caminho. A coisa se ajeitou de forma maravilhosa. Não podia ser melhor. Graças a Deus.



## **27-O RETORNO**

Almoçaram. Desceram para perto do rio. As águas baixavam a olhos vistos.

- Hoje, Mário, ainda não dá para voltar. Mas amanhã cedo, sim.

- Desta maneira, completamos três dias. Os três dias que Jonas passou no ventre da baleia.

A seguir foram para o local do boi.

- Uma pena! Vai sobrar muita carne para os bichos.

- Pois é, olhe aqui já andou o graxaim esta noite.

Depois subiram trecho da garganta a fim de verificar as possibilidades da viagem de volta.

- Está visto. Só amanhã mesmo. Podemos dormir descansadamente esta noite. Descansamos bem. Levantamos cedo. Antes do meio-dia, se Deus quiser, estaremos fora do canhão.

Durante a noite Danilo fabricou um surrão de couro, para transportar carne assada. Concluiu o laço. Embora mal trançado, sempre serviria para quebrar o galho, se fosse necessário.

Passaram o resto da tarde e da noite em conversa animada. Mário estava radiante. Por isso falava falava, anunciando seus planos. De hoje em diante, quero ser estudioso, comportado e trabalhador. Quero ser como você, Danilo.



Dormiram o sono solto toda a noite. Mal a claridade do dia brilhou por cima dos penhascos, Danilo despertou. Sem acordar o companheiro, animou o fogo e aqueceu a carne. A seguir chamou o colega. Comeram e partiram.

Partiram cantando e bendizendo ao Senhor. Mas sentiam abandonar aquele local, que já lhes era querido, lugar que ficará inesquecível para o resto da vida. Guardariam saudades a vida inteira.

A marcha decorreu rápida e sem incidentes durante cerca de uma hora. Todavia, quando a garganta se estreitou, surgiu o primeiro obstáculo. Um poço largo e profundo, ao lado de enorme pedra.

- Aqui é só a nado, Mário.

Este teve um arrepio, que logo cessou, ao ouvir estas palavras do companheiro:

- Você nem precisa molhar a roupa.

- Como, Danilo?

- Eu passo nadando. Depois você atira o laço por cima da pedra. Segura uma extremidade, e eu do outro lado, agarro a outra ponta.

- Que boa ideia, Danilo! Você é mesmo inteligente!

Danilo entregou a roupa e meteu-se na água gelada, dando gritos, enquanto Mário contemplava a cena penalizado, mas vibrando, por se ver livre de cair na água, ele que não sabia nadar. E disse consigo: Pobre do meu Danilo! Como sofre por minha causa!



Ao chegar junto à pedra, no outro lado, Danilo já encontrou o laço caído. Agarrou a extremidade e gritou:

- Pode subir.

Mário, num instante, cavalgou o rochedo. Depois lá do alto, bradou:

- E agora descer?

- Espere aí. Eu volto.

Meteu-se outra vez na água. Atravessou o poço, nadando. Agarrou a ponta do laço. E Mário, agarrado a ele, desceu de costas. Num instante, Danilo bracejava na água, para, daí a pouco, abraçar-se feliz com o companheiro, após aquela bela aventura.

- Coitado! Você tomou três banhos.

- Isto faz muito bem. Agora eu me esquento.

Lá adiante tiveram de repetir a mesma dramática aventura, com a mesma facilidade, com a mesma emoção, com a mesma exultação. E, finalmente, mais uma, perto da grande cascata. Foi terrível a última.

- Graças a Deus, livramo-nos do rio! Agora resta só galgar a montanha.

Sobre a grande pedra, onde haviam tirado fotografias, descansaram e comeram. Eram onze horas. A cascata apresentava um aspecto diferente, impressionante, com muita água, forte ventania e densa neblina...

E agora, quase sempre de gatinhas, galgaram o íngreme, estreito e molhado desfiladeiro. Verdadeira epopeia, aquela escalada homérica!



- Já me doem as pernas de novo. Mas agora não faz mal.

- Pois é, Mário. A vida é um continuo escalar montanhas. Dá trabalho, mas depois, lá no alto, na alegre planura do campo, a canseira desaparecerá diante do esplendor dos horizontes infinitos e belos.

Chegaram ao rochedo a pique. A corda lá estava, no mesmo lugar, presa à extremidade da rocha.

- Ninguém tirou a corda. Também, quem é que podia vir aqui tirar, com um tempo destes, com tanta chuva?

Não era bem meio-dia, quando atingiram o campo, saindo do desfiladeiro. Chegaram molhados, sujos, irreconhecíveis. Sim, mas com a alma vibrando, como se voltassem do campo de batalha, sangrando, trazendo os louros de uma dura vitória.

Caminharam pelo campo até o rio. Aqui lavaram a roupa, que estenderam sobre pedras, a secar ao sol, um sol que torrava.

Enquanto a roupa secava, eles tomaram banho, um grande banho restaurador, naquele belíssimo açude natural do rio Perdiz. Danilo aproveitou para dar uma lição de natação ao colega.

- Agora você vai aprender a nadar na marra. Vai aprender de verdade. Olhe aqui o segredo está em manter o corpo em posição horizontal. Você deita na água e procura espichar bem as pernas. Os pés devem sair da água. Eu vou ajudar. Vamos ver. Deite aqui. Não tenha medo, eu seguro. Estire bem as pernas. Mais. Mais. Bata com os pés fora da água. Isso!

- Oba, já nadei um pouco! Vamos de novo.

- Claro que aprende. É a coisa mais fácil do mundo.



Danilo largou-o e ele saiu nadando. Nadou cinco metros, fazendo um barulhão com os pés e as mãos, levantando muita água.

- Pronto! Já aprendi. Agora, até para aprender a nadar foi fácil!

- Pois é! De hoje em diante, você vai achar tudo muito fácil. Ficará espantado.

- Acredito. Fico-lhe imensamente grato, Danilo. É a você que devo esta minha transformação.

- A mim, não. Deve a si mesmo. E a Deus.

Vestiram-se. A roupa já estava bem seca, cheirosa. No outro lado do rio, o jipe, esperando, no mesmo lugar onde o haviam deixado, perto da casa de D. Adelina. O carro custou pegar. E, sem mais demoras, disparou pelo corredor, alegre como passarinho libertado da gaiola, da prisão, a imensa prisão do Taimbezinho. Os rapazes deixaram de ser prisioneiros do abismo.

- Agora, Mário, chegando na encruzilhada do Azulega, seguiremos para o sul. Voltaremos por São Francisco de Paula, Canela, Gramado, Nova Petrópolis. Quero que você veja também aqueles lugares de tantas belezas naturais.

- Mas tem que ser às pressas, a correr. Eu estou morto por chegar em casa.



## **28-CANELA**

Ao longo da rodovia, entre Azulega, Tainhas e São Francisco de Paula, os dois turistas deparavam caminhões de reboque, carregados de madeira, caídos na valeta.

- Veja o que acontece por aqui, nestas estradas. Quando chove, a estrada torna-se quase intransitável. Quanto caminhão fica por aí atolado durante dias e às vezes até semanas.

- Pobres caminhoneiros!

- Nós que lidamos com madeira, sabemos do sofrimento dos motoristas de caminhão. Não é só por aqui. É em quase toda a parte.

Andados uns 15 quilômetros, do alto do coxilhão, avistou-se imensa depressão de campo, formada pelo rio Tainhas, no centro da qual branquejava um punhado de casas, presidido por uma igreja de uma torre só.

- Olhe, Mário, ali é Tainhas, encruzilhada para Caxias do Sul.

- Qual é mais perto: Caxias ou São Francisco de Paula?

- São Francisco é muito mais perto. Uns 50 quilômetros.

- Eu ainda não conheço São Francisco de Paula. Vou conhecer hoje mais uma cidade.

- São Francisco de Paula, que antigamente se chamava Cima da Serra, é um vasto município, embora a cidade seja



pequena. É uma linda cidadezinha, com uma avenida central enorme, que atravessa toda a cidade.

Campos ondulados. Capões e restingas de mato, marcados pela presença constante do pinheiro, Para as bandas do nascente, viam-se grandes matas, denunciando proximidade da serra.

Na cidade, os rapazes dão uma volta pela avenida central, abastecem o carro e seguem sem mais demora, pois estão com pressa. Desejam apreciar as belezas de Canela e Gramado.

A uns 25 quilômetros da sede do município, à direita, surge o espelho imenso de um lago, cuja vista alvorotou a alma de Mário:

- Que água é aquela, Danilo?

- A barragem do Salto. Nunca ouviu falar?

- Nunca. Mas é realmente grande, não é!

- Enorme. Deve ter uns dez quilômetros de comprimento. Pertence à Companhia Estadual de Energia Elétrica, a CEEE. A água é do rio Santa Cruz, que adiante toma o nome de Caí. A água foi desviada para movimentar as usinas de Bugres e Canastra, para depois juntar-se ao rio Santa Maria, afluente do rio do Sinos. A mesma água movimenta as duas usinas.

- E onde ficam estas usinas?

- Ficam mais adiante, à nossa esquerda. Nós vamos cruzar por cima do túnel. Se der tempo, iremos ao Morro Pelado, de onde se avistam as duas usinas, que formam o complexo hidrelétrico Bugres-Canastra, um conjunto fabuloso de maravilhas da natureza e do trabalho humano. A natureza formou estes abismos e colocou aqui no alto toda esta água. O homem



repulsou a água em três barragens: Salto, Blang e Divisa, desviando-o do seu caminho natural e precipitando-a das alturas.

- Notável!

A seis quilômetros de Canela, no povoado de Saiqui, encruzilhada para Bom Jesus, Danilo esclarece:

- Está vendo lá ao final deste campo chato, ao pé do morro e do mato, o Santuário de Nossa Senhora do Caravágio. É um monumento formado pois duas mãos postas, abrigando a imagem de Nossa Senhora. Vamos até lá fazer uma prece.

- Vamos. Eu quero agradecer por nos ter ajudado o sair do abismo.

- Quem doou a imagem foi D. Ângela Rigotto, que sofria de ataques. Fez uma promessa e ficou sã. Aconselhada pelo Cônego João Marchesi, Vigário de Canela, D. Ângela ofertou a imagem à capela de Saiqui. Foi há dois anos, em 1959. Agora cada ano se faz a romaria a pé desde a cidade. Naquele mato há um local esplêndido para festas.

E prosseguindo, disse Danilo: Como você notou, Mário, em Saiqui termina a zona da campanha. Agora é a serra. Canela, com suas intensas reservas florestais, tomou impulso em virtude da industrialização da madeira de pinho. Principiou então a intensificar-se a colonização e o povoamento da região, que pertencia ao município de Taquara.

Dos municípios de Caxias do Sul, Farroupilha, Garibaldi, Carlos Barbosa, Bento Gonçalves e outros da zona colonial italiana, como também dos municípios vizinhos da colônia alemã, vieram para cá numerosas famílias.

- Mas o fundador mesmo quem foi?

- O fundador de Canela é João Correia da Silva, que foi aquele que trouxe para cá um ramal da estrada de ferro. Ligada a Porto Alegre por ferrovia, Canela tomou impulso. Não só a indústria da madeira se beneficiava com a estrada de ferro, mas também o turismo. Já pelo ano de 1940, Canela tornava-se a mais famosa estação de veraneio do estado.

Nos meses de janeiro e fevereiro, numerosas famílias deslocavam-se para estas alturas, desfrutando os ares saudáveis, a temperatura amena. Praticava-se aqui em larga escala a equitação, com passeios a cavalo ao Caracol, Saiqui, Morro Pelado, Laje da Pedra... Eram também famosos os vinhedos de Canela. Mais tarde, em vista do grande quantidade de hortênsias. Organizou-se a Primeira Festa das Hortênsias.

- E o nome de Canela donde provém?

- De uma grande caneleira que outrora existia no local onde agora fica o centro da cidade. Acontece que os tropeiros, que então procediam da zona do campo rumo de Taquara do Mundo Novo, de São Leopoldo e Porto Alegre, cruzavam todos por aqui, e muitas vezes acampavam à sombra de frondosa caneleira. Diziam: Vamos acampar lá na canela...

Entrando na cidade, o jipe deu uma volta e foi parar diante da igreja matriz, a "catedral de pedra", genial e soberba construção do povo canelense, sob a sábia coordenação do Vigário João Marchesi.

Templo ainda em obras. Torre inacabada. Paredes sem reboco, por dentro e por fora. Piso de tijolo. Bancos toscos e em número reduzido, em proporção da imensa extensão de espaço. Quando concluída, será uma das principais atrações da Capital do Turismo.

Depois de rápida visita à igreja, e tomando o caminho da saída da cidade, rumo de Gramado, Danilo chamou a atenção do companheiro para um soberbo pórtico, à esquerda da estrada, sobre cujo frontispício se lia: Palácio das Hortênsias.

- É a entrada para o palácio de férias do Governador do Estado. Mas de palácio, Mário, só tem a entrada, sabe? É uma simples casa de madeira, oferta do povo canelense. Chama-se palácio apenas para simbolizar a sede do Governo. Fica lá adiante, no final deste gramado, junto ao mato. Daqui não se enxerga. Quem vai à Laje de Pedra, passa perto. Laje de Pedra é um ponto turístico, algo semelhante ao Morro Pelado e ao Morro do Dedão. Um panorama deslumbrador sobre o abismo.

À saída da cidade, Danilo dobrou a direita, entrando numa rodovia secundária, que leva a Cascata do Caracol, a oito quilômetros, entre densa floresta de pinheiros, matizada pois risonhas vivendas de veraneio.

Ao chegar Mário teve a impressão de encontrar-se diante da maravilha do Taimbezinho, em ponto menor. O abismo escancara-se diante dele, estrangulado por altos paredões, com imensos pinheiros equilibrando-se na extremidade dos rochedos, suspensos como um trapezista. Ao fundo, coroando o fantástico painel, uma gigantesca cascata de 120 metros de altura. Por baixo do comprido jato de água branca, vasta grotta cavada no rochedo.

- Lindo, não é, Danilo?! Mas a do Taimbezinho é mais alta, não é?

- O dobro. A cascata da Perdiz tem 220 metros. Cem metros a mais. Mas esta não deixa de ser linda. Tem a vantagem de estar bem mais perto da Capital do estado.



- Sabe, Mário, agora vão construir aqui uma plataforma de cimento armado, uma espécie de trampolim sobre o abismo, para facilitar a observação dos visitantes. Depois vão ampliar o parque, toda essa imensa extensão de floresta ao redor do abismo e do rio. Vão criar também um *camping*.

- Quem é que vai fazer este trabalho?

- Isto aqui é parque estadual, e a Prefeitura de Canela vai colaborar na feitura e conservação do parque. Vai ser um dos parques mais lindos do Brasil e do mundo. Mário, vem gente de todo o Brasil e de muitos outros países.

- Não é como no Taimbezinho, que apesar de mais bonito, fica lá tão longe, sem restaurante, sem hotel.

- Esta região é todo um portento de encantos naturais. Se tivéssemos tempo, iríamos visitar a Ferradura e a Tubiana. A Ferradura fica perto daqui. É formada pelo rio Santa Cruz, o qual dando voltas por entre altos paredões, forma uma espécie de ferradura.

A Tubiana, Mário, leva o nome de uma égua lendária, que outrora teria sido vista muitas vezes a pontear uma tropilha de cavalos, disparando por aqueles abismos e desaparecendo misteriosamente.

É também um conjunto de admiráveis encantos, no rio Santa Cruz. Lugar disputado pelos pescadores, em virtude da grande quantidade de peixes ali existentes. O rio desliza entre paredões verticais de uns trezentos metros de altura. Os rochedos apresentam, aqui e acolá, em diferentes tonalidades de cor, como branca, amarela, avermelhada, bizarras figuras, como a cabeça de um leão, tão bem esculpida, que parece obra de exímio artista.



O rio corre ali ora roncando em cachoeiras, ora mansamente, em largos e fundos poços, num silêncio impressionante. Naquelas profundezas, como no interior de uma catedral, formam-se fantásticas manchas de luz e sombra.

- Nunca ouvi falar deste lugar.

- Não admira. Pouca gente sabe da existência desta maravilha da natureza. As nossas belezas, Mário, encontram-se ainda quase todas escondidas. O turismo no Brasil está apenas ensaiando os primeiros passos.



## **29-GRAMADO**

A rodovia entre Canela, Gramado e Nova Petrópolis, é toda bordada de hortênsias, liricamente bordada, lado a lado, por milhões de hortênsias. Hortênsias no acostamento. Hortênsias trepando o barranco, invadindo a mata, um deslumbramento!

- Danilo, donde vem o nome de Gramado?

- Não se sabe ao certo. A versão mais plausível é esta: Quando se tratou de construir a estrada de ferro, alguns homens, que estavam a serviço da iniciativa, pararam para descansar num pequeno gramado no meio da mata. Entraram a discutir sobre o nome que poderiam dar à localidade, que passaria a ser agora uma estação da viação férrea. Um deles sugeriu então: Que tal batizar este lugar de Gramado?...

À entrada da cidade, Danilo estacionou o carro à esquerda da rodovia, num miradouro, de onde se descortinava, para as bandas do Sul, vasto panorama, num vale profundo, um imenso boqueirão, todo cultivado e cercado de altas montanhas.

- Veja que lindo, Mário! É o Quilombo. Lá abaixo fica Três Coroas. Logo adiante, Igrejinha e Taquara, às margens do rio Santa Maria. Aqui no alto da serra é o divisor das águas. Ao Norte, a bacia do Caí. Ao Sul, a bacia dos Sinos. Canela, Gramado e Nova Petrópolis assentam sobre a cordilheira. À pequena distância da Capital do Estado, numa altitude de 800 metros, estes municípios constituem região ideal para descanso dos moradores de Porto Alegre, Novo Hamburgo, São Leopoldo...



Gramado - prosseguiu Danilo - possui outra notável atração. É o instituto de Lodoterapia Dr. Carlos Nehls. É uma fonte de turfa, isto é, de um lodo formado pois vegetais soterrados há milhares de anos. O lodo possui excelentes propriedades terapêuticas, mediante banhos e compressas.

Vem gente até do estrangeiro para tratar-se com a lodoterapia do Dr. Nehls, única no gênero em todo o Brasil. É um tratamento milagroso para reumatismo, lumbago, neurites, ciática, bico-de-papagaio, artrose e outras doenças de aparelho locomotor.

Outra curiosidade de Gramado é o artesanato, que tem como pioneira Elisabeth Rosenfeld. Há artesanato de couro, de madeira, de vimes, de tecido... Além disso, destaca-se a indústria de calçado, com a importante fábrica Ortopé, de grande fama.

- Danilo, e o povoamento de Gramado tem a mesma origem do de Canela?

- Há uma diferença. Em Canela, além de italianos e alemães, entrou o elemento luso. Ao passo que aqui são todos de origem italiana e alemã.

- Pelo que se vê, tanto Canela como Gramado constituem real atração turística, pois estou vendo muitos hotéis.

- Muitos e bons. E vão construir mais. Grandes hotéis. Além de hotéis, muita gente da Capital e de outras cidades têm aqui sua casa de verão. Por esses montes, à sombra dos boques, há lindíssimas vivendas. Canela, Gramado e Nova Petrópolis são a Suíça brasileira.

Andando caminho, sempre enfeitado por hortênsias em flor os dois rapazes percorrem a cordilheira, entre montanhas e vales.

A certa altura, pouco além da cidadezinha de Gramado, Danilo aponta para a direita e informa:

- Veja, Mário, daqui se avista a cidade de Caxias. Está vendo?

- Estou. Não é tão longe, pois não?

- Em linha reta, é um pulo. Mas pela estrada, são mais de 50 quilômetros. De Gramado são 68 e de Canela, 72.

Ao longo da estrada, uma ininterrupta sucessão de moradias de agricultores, todos de origem alemã. Plantações de milho, de fumo. Alguns pequenos vinhedos. Figueiras, ameixeiras. Gente miúda oferecendo frutas aos transeuntes.

Linha Brasil, com seu grande colégio-internato "Bom Pastor", é uma garrida localidade, que anualmente promove a Festa do Figo. Em Linha Imperial, já no município de Nova Petrópolis, Danilo explica:

- Aqui, Mário, existe um pinheiro cuja idade é calculada em 750 anos. Um gigantesco pinheiro, que fica lá acima. Olhe ali puseram uma seta indicativa.

Nova Petrópolis é outro recanto de fábula, quase inteiramente oculto sob a vegetação. Com seus numerosos e excelentes hotéis, é ponto preferido pelos casais em lua de mel.

Ao lado de Canela e Gramado, Nova Petrópolis, mais perto da Capital e de Caxias, é recanto de repouso e refrigério, manancial de ar puro e de paisagens deslumbrantes para os que, em fim de semana, fugindo da poluição, do calor, do barulho e do mau cheiro das grandes cidades, queiram restabelecer a saúde e as energias, proporcionando uma festa para os olhos, para os ouvidos e todo o organismo.



Em meio ao sossego e bucolismo da serra de Nova Petrópolis, celebra-se aqui todos os anos a festa da tradição alemã, com danças, cantigas, rodadas de chope, nesta cidade, cuja população descende exclusivamente de imigrantes germânicos.

O jipe saltou aqui novamente na rodovia federal, o então BR-2, hoje BR-116, a mesma estrada que de Caxias os levava até Vacaria, em sua viagem para Bom Jesus.

E principia aqui a descida da serra, aos caracóis, sempre descortinando lindos pontos paisagísticos, por montes e vales. A certa altura, a estrada torna a trepar morro, até atingir o alto de São José do Hortêncio, perto de Morro Reuter, primeiro belvedere de quem procede de Porto Alegre.

Zona alemã, famosa pois seu apreciado café colonial e por seu clima saudável, atraiu muito morador das grandes cidades vizinhas, que edificou entre os bosques da serra sua casa de veraneio.

Longe, em vasta planície, uma cidadezinha distendia duas compridas ruas, dominadas por duas igrejas de altos campanários.

- É Dois irmãos - esclarece Danilo. - outra cidade fundada por imigrantes alemães.

- Fundada pois dois irmãos, não é?

- Não, Mário. Nada disso. Chama-se Dois irmãos por causa daqueles dois morros quase iguais que se enxergam daqui, além da cidade.

- Verdade? Eu sempre pensei; que Dois irmãos fora fundada por dois irmãos.

- Os Dois irmãos, aqueles dois montes, são outra atração turística. Tem ambos uma altitude de 500 metros. Do alto daqueles morros, avista-se Porto Alegre e descortina-se imenso panorama por todos os lados.

Aqueles dois montes, rebentando da imensidão da planície, em linhas elegantes, sem paredões, sem rochedos, proporcionando o cultivo da terra em toda a sua extensão, para todos os lados, não deixam de ser uma curiosidade paisagística, que merece tratamento especial por parte das autoridades incumbidas de zelar pelo nosso turismo.



## **30-EM CASA**

Anoitecia quando o carro dos nossos excursionistas entrava em Porto Alegre. Os rapazes chegavam à sua cidade quais heróis que voltam do campo de batalha cobertos de feridas, mas aureolados de glória.

A família Vedana, que vivia longas horas de terrível angústia, por falta de notícias do filho, despertava agora como de um trágico pesadelo. Não se descreve a festiva vibração de D. Vera, a mãe, que se atirou furiosamente aos braços de Danilo, que vinha com roupa amarrotada e suja, rosto sofrido.

- Que foi, filho? Por que tanta demora?

- A chuva, mãe. A chuva nos prendeu lá no Taimbezinho. Mas tenho boas n

Enquanto Danilo se lavava, Mário, igualmente amarrotado e sofrido, mas com a alegria estampada nos olhos e no semblante, falava a D. Vera e seus filhos:

- D. Vera, nós sofremos quase uma tragédia, mas valeu a pena. Vimos um mundo sem fim de maravilhas. Nunca teria imaginado que no Brasil pudessem existir tantas e tamanhos encantos naturais.

Entretanto - prosseguiu - a mais empolgante de todas as maravilhas que presenciei nesta inesquecível excursão, foi o seu filho, a seu fabuloso filho, D. Vera. O Danilo é um portento de rapaz! A senhora não imagina que joia de filho possui.

- Muito obrigado, Mário. Você é muito bondoso!

- Não sou, D. Vera. É a pura verdade.





- Sim, é verdade que o Danilo mudou muito ultimamente. Ele já andava meio transviado, mas depois ele se transformou lá no colégio dos bons Irmãos Maristas.

- Pois, D. Vera, durante esta excursão, no meio da tragédia que vivemos, diante das maravilhas que vimos, ele foi para mim um instrumento providencial de transformação. Eu, D. Vera, resolvi mudar de vida, sabe? Agora, ainda hoje, queremos ir até lá no Partenon falar com o Frei Antônio.

- Boa, Mário! Gostei da notícia.

- D. Vera, eu quero que a senhora com os filhos, o Décio, a Helena e a Iracema, vá agora lá em nossa casa. Vamos celebrar com uma festinha, vamos celebrar juntos, o nosso retorno e a minha felicidade.

- Sim, Mário, a nossa felicidade. Iremos todos, com muito prazer.

- Mas e já, D. Vera. Vamos todos jantar lá em casa.

- Que bom, mãe! - exclamaram as filhas.

Em poucos minutos, mãe e filhos estavam prontos para embarcar no carro, junto com Mário e Danilo. Em casa da família Lacerda, a alegria foi ainda maior; ao ver chegar o filho junto com D. Vera e seus filhos.

Mário teve apenas tempo de abraçar a todos e dizer:

- Pai, mãe, eu quero agora celebrar nosso retorno com um banquete, juntamente com o Danilo e sua família. Só assim podemos agradecer ao meu companheiro a imensa ventura que me proporcionou. Eu vou lavar-me e depois irei com o Danilo até lá



no Partenon. Na volta, vamos festejar com uma janta, vamos festejar todos juntos, a nossa alegria e a minha felicidade.

- Certo, filho! Estamos vibrando com a sua alegria - respondeu Eduardo, o pai de Mário.

E D. Leonor, dirigindo-se a Danilo, perguntou:

- Então, que foi que aconteceu, hem, Danilo? Estou curiosa.

- Nada de mal, D. Leonor. Apenas um pequeno contratempo com a chuva, que nos prendeu lá no Taimbezinho. O mais é só alegria e felicidade. O Mário está numa ventura sem igual. É uma joia de filho que a senhora tem, D. Leonor.

Enquanto a mãe de Mário, auxiliada pelas filhas, preparava um bom jantar, Danilo contou por alto tudo quanto lhe acontecerá naquela histórica excursão.

Mário, elegantemente vestido com o seu traje de gala, apareceu na cozinha e disse:

- Agora, enquanto vocês preparam o banquete, nós vamos até no Partenon.

No Convento dos Capuchinhos, os rapazes entraram logo em contato com Frei Antônio de Caxias, a quem relataram as maravilhas que acabavam de visitar, deixando o padre mortinho de vontade de conhecer o Taimbezinho, que prometeu visitar sem demora.

E disse ainda o capuchinho: Nada mais belo do que viver uns dias longe do bulício da cidade, no meio dos encantos da natureza. Isto faz bem ao corpo e à alma.

- Nós voltamos vibrando, Frei Antônio - disse Mário. Eu então estou feliz como nunca na vida. E é por isso que estou aqui para falar com o senhor.

Danilo pediu então licença para se retirar da sala, deixando os dois a sós. Mário narrou a seguir que se encontrava em mau caminho, que era um rapaz transviado, viciado, e que agora desejava mudar de vida:

- Eu quero ser daqui para o futuro um rapaz direito, estudioso e honrado. Repudio o meu passado. Chega de más companhias. Chega de folias.

E Frei Antônio continuou ouvindo a confissão do rapaz. Deu-lhe depois os parabéns pela sua atitude desassombrada. Ministrou-lhe sábios e salutareos conselhos, palavras de encorajamento. Por fim, traçou sobre o rapaz uma grande benção, a benção da reconciliação, a benção da paz.

Eram dez horas da noite, quando em casa da família Lacerda teve início a alegre festinha, com um jantar saboroso, regado com deliciosas bebidas.

Houve discursos vibrantes. Primeiro falou Danilo, que historiou os acontecimentos do longo passeio. Não houve quem não risse à vontade ao ouvir a narração da briga de Mário. Mas também ninguém deixou de se comover até as lágrimas, quando o orador descreveu a queda do boi dentro do Taimbezinho, o boi providencial que os salvava de morrer de fome...

Discursaram ainda Miriam e Gládis, irmãs de Mário. Falou Décio. Falou Helena. Falou Iracema. Todos exaltavam com vibração a alegria que as duas famílias experimentavam ao tomar conhecimento do empolgante epepeia vivida pelos dois intrépidos rapazes.



Nem mesmo Eduardo, avesso a discursos, nem mesmo D. Leonor e D. Vera, que nunca na vida haviam discursado, puderam permanecer em silêncio. Todo o mundo tomou parte ativa na festa do épico acontecimento.

Por fim, como chave de ouro, Mário tomou a palavra. Um longo e vibrante discurso, que concluiu com estas palavras:

Enfim, devo dizer que para narrar as maravilhas que presenciamos neste inolvidável passeio, toda esta noite não seria suficiente, mas eu deveria falar durante uma semana inteira.

Levaria uma semana inteira. Entretanto, para descrever a empolgante mara







Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

nion do Taimbezinho com 14 ecologistas que participavam de uma operação limpeza. A repórter permaneceu 24 horas dentro do vale sem equipamentos de sobrevivência.

Sílvia Marcuzzo escreveu no *Correio do Povo* do dia 11-10-94: "A descida é fantástica. O Taimbezinho abriga um cenário de extrema beleza, mas também de perigos inesperados. Estas duas situações se alternaram nas longas horas em que permanecemos cativos dos paredões e cascatas que brotam de mais de 600 metros de altura. A descida começou às 7h de sábado e só terminou às 7h de domingo, depois de enfrentarmos a fome, o frio e o medo..."

Quando escureceu, acima de nossas cabeças, uma fenda de claridade opaca denunciava que poderia chover. Cobras, urtigas e tombos monumentais - felizmente sem gravidade - quebravam a monotonia das cascatas barulhentas que poderiam inundar o cânion, caso a chuva viesse... Na madrugada, quando acabou o pacote de bolachas, a temperatura era de 10 graus: roupas molhadas, pés gelados, pernas e braços cansados..."

Nos dias 5 a 12 de dezembro de 1994, o alpinista João Giacchin, 28 anos, natural de São Leopoldo, junto com Luciano Trevisol e João Batista da Silva, viveu dramática aventura dentro do Taimbezinho. Tentou escalar o paredão, desde baixo. Ao atingir 80 metros, os grampos soltaram-se das fendas e Giacchin caiu 12 metros, ferindo-se sem maior gravidade. Socorrido pelos repórteres do jornal *Zero Hora* Ronaldo Bernardi e Marcos Aurélio dos Passos, o montanhista conseguiu sair no dia 12.

Esses dramáticos acontecimentos reproduzem a realidade da ficção deste livro. A aventura de Danilo e Mário, personagens fictícios, segue repetindo-se no Taimbezinho. Vale a pena acompanhar o emocionante passeio destes jovens e conhecer melhor esta espantosa maravilha da natureza. Acerca deste livro, disse o escritor Mansueto Bernardi: "Este livro deve ir para o cinema. Daria um filme espetacular..."



Projeto  
**Passo Fundo**  
Além da cultura



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

